JOSUÉ ALVES DE OLIVEIRA

Nasceu no dia 13 de Novembro de 1913, em um sítio chamado AREIA GRANDE, no Município de Vitória de Santo Antão, no Estado de Pernambuco.

Na adolescência, converteu-se ao Evangelho de Cristo, e foi batizado na Igreja Evangélica Congregacional da mesma cidade.

Ainda bem jovem, começou a pregar o Evangelho, indo depois estudar Teologia no Instituto Bíblico do Recife. Depois de 5 anos, concluído o curso, recebeu o grau de BACHAREL EM TEOLOGIA, no ano de 1935.

A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO

Palavras do Senhor:

"Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e antes que saísses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações" (Jr 1.5).

Palavras do apóstolo Paulo:

"Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (II Co 4.7).

LIVROS DO MESMO AUTOR:

O DÍZIMO (7.ª edição)

O DÍZIMO (em castelhano)
(1.ª edição)

MILAGRES E CHARLATÃES
(1.ª edição)

REFLEXÕES EVANGÉLICAS
(1.ª edição)

O ASPECTO JURÍDICO
DA JUSTIFICAÇÃO
(2.ª edição)

A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO
(1.ª edição)

JOSUÉ A. DE OLIVEIRA

A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO

Santos, 1983

DEDICATÓRIA

Ao Seminário Teológico Congregacional do Recife, onde — na sua primeira fase — estudei e lecionei por sete longos anos;

Ao Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, magna casa de profetas dos vocacionados de Deus;

Ao Departamento de Atividades Ministeriais da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (DAM);

À Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil, com Sede no Rio de Janeiro (OMEB);

Ao grande e glorioso Exército dos PASTORES E MINISTROS DO EVANGELHO de todas as Denominações do Brasil;

Aos ilustres colegas que, bondosamente, deram auspicioso e comovente parecer sobre esta despretensiosa obra;

Ao Rev. Cid Gonçalves de Oliveira, preclaro Ministro de Deus, leitor **devotado** e divulgador dos meus modestos livros;

À Igreja Evangélica Congregacional de Caruaru, PE, onde, pela mercê de Deus, fui

Rev. Moisés das Neves Farias
(Pastor Congregacional, Professor, Diretor de Imprensa e Publicações da UIECB);

Rev. Deneci Gonçalves da Rocha
(Pastor Congregacional, Professor, Diretor da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil);

Rev. Benedito Natal Quintanilha
(Pastor e Líder Metodista, Diretor da Organização Intercessores de Jesus Cristo Bandeira Bíblica de Evangelização).

ÍNDICE

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

PARECERES

Fui distinguido com a elevada honra de apreciar esta obra, "A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO" da lavra primorosa do ilustre pastor Rev. Josué Alves de Oliveira, decano Ministro do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Li e verifiquei que o livro traz uma exposição clara e de certo modo apaixonante sobre o nobre assunto, o Santo Ministério do Evangelho. A ordem de exposição em cada capítulo é notável, iniciando com o Chamado para o ministério, permeando com o serviço e as funções pastorais e encerrando com os dois espinhosos temas ético-pastorais, que são o relacionamento do pastor com a sua própria classe e o sexo.

O que torna a presente obra ainda mais importante, e isto é marca inconteste do autor, é o uso constante da Palavra de Deus sempre colocada como ponto relevante nas exposições e nas conclusões dos diversos assuntos. Nada fica além ou aquém daquilo que a Revelação bíblica tem para orientar e dogmatizar.

Tendo há anos assumido a responsabilidade da cadeira de Teologia Pastoral, tenho encontrado muita dificuldade em apresentar aos meus alunos obras de autores autênticos dentro da nossa cultura e vivência cristãs. A maioria das obras, além de estarem escritas em inglês, são oriundas de autores de outras culturas com experiências embassadas num contexto completamente divorciado daquele

em que vivemos no Brasil. Por isso, A Excelência do Ministério vem preencher grande lacuna no auxílio, na instrução e na orientação dos nobres leitores de nossa amada terra.

Tenho grande prazer em recomendá-la aos ilustres pastores, aos seminaristas e aos líderes das igrejas evangélicas que desejam sempre conhecer mais a respeito do Ministério da Palavra. Recomendo-a, também, aos que estão em busca da orientação sobre sua Vocação e àqueles que não desejam ignorar tão magno assunto.

Estou certo que o esforço do Rev. Josué Alves de Oliveira empreendido na feitura desta obra será recompensado por frutos sazonados que surgirão no seio da Igreja de Cristo. **Jair Álvares Pintor.**

(2)

JOSUÉ ALVES DE OLIVEIRA, através de seus livros preciosos, que a comunidade evangélica soube valorizar, firmou-se como escritor de excelente gabarito.

Austero na doutrina evangélica, de cuja pureza é defensor destemido; portador de notável facilidade para transmitir suas idéias, com meridiana clareza; dono de estilo agradável e comunicativo, Josué Alves de Oliveira, agora, em "A Excelência do Ministério", vem garantir lugar na galeria de nossos bons escritores.

Abordando assuntos delicados e oportunos, o A. não vacila em, após expor idéias e posicionamentos divergentes, assumir a sua própria e definida posição. E o faz com elegância e serenidade. Magistralmente.

Aspectos de vocação, conduta, preparo, comportamento, exercício e frutos do ministério autêntico são abordados em capítulos didáticos, o que tornará o livro leitura obrigatória para alunos de nossos cursos teológicos, e para obreiros em geral. Para esse público específico, "A Excelência do Ministério" é obra há muito tempo aguardada. É livro que ensina e elucida, com responsabilidade e segurança. Fará bem a muita gente, sem dúvida.

Autor e leitores, portanto, estão de parabéns, com o lançametno de "A Excelência do Ministério. **Ivan Espíndola de Ávila.**

(3)

Li, com muito prazer, o trabalho da fecunda pena do meu colega, Rev. Josué Alves de Oliveira, e o recomendo aos pastores, seminaristas, e todos quantos porventura exerçam liderança no meio evangélico.

São seis preciosos capítulos, todos utilíssimos, sobre o múnus ministerial, ricos de fundamentação bíblica, consequentes da experiência pastoral do autor.

O assunto é assaz importante — a Vocação do obreiro, a Função ministerial, o Serviço do servo do Senhor, o Sustento pastoral, a Ética do pastor, o Sexo e ministério — se observados à luz da argumentação apresentada, muito servirão como alerta e incentivo a todos os que se consagram à sublime, porém difícil, tarefa da pregação do Evangelho.

Que o Senhor continue usando os talentos do Rev. Josué, de tal modo, que este livro seja uma grande bênção para o povo evangélico de fala portuguêsa. **Marcelino Pires de Carvalho.**

(4)

O livro do Pastor Josué sobre a **Excelência do Ministério** é um valioso ensaio que destaca vários aspectos de vocação pastoral. O autor coloca a carreira ministerial no seu devido lugar como um santo e solene privilégio além de ser um cargo sagrado.

Engrandece a vocação divina, anotando a parte do candidato e da congregação na confirmação da chamada ao ministério. Define as funções essenciais do obreiro e esclarece os serviços que ele deve prestar. Demonstra a importância dum sustento adequado, e aconselha o jovem pastor quanto à ética ministerial. Finalmente, o autor defende a exclusividade do pastorado para os homens.

O autor fala com a autoridade de 47 anos de ministério efetivo. Dá muitos conselhos práticos e ilustrações relevantes, oriundos de longa vida no ministério.

Recomendo a leitura a todos os jovens candidatos ao ministério, como também aos "veteranos", leitura esta, gostosa e desafiante. **Russell Shedd.**

(5)

Li, com avidez, os originais de seu livro "A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO. Achei-o formidável. Como admirador do seu estilo, que o considero bíblico, claro, prático, objetivo e agradável, já consagrado pelo público evangélico através de suas outras admiráveis obras, não tenho dúvidas de que "A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO" não será apenas mais um livro para competir no mercado, mas

será uma obra de grande utilidade para todo o povo de Deus.

"A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO" deve ser lido e observado sob vários pontos de vista. O ministro encontrará subsídios que o ajudarão em sua difícil missão; o candidato ao Ministério conhecerá o mundo que o aguarda, podendo precaver-se contra futuras desilusões; o jovem se convencerá de que vale a pena abraçar a excelente carreira, encontrando orientações que o ajudarão a dissipar dúvidas quanto à sua vocação; o membro de igreja compreenderá melhor o Pastor, suas necessidades, seu trabalho; os pais compreenderão que a carreira ministerial, embora difícil, não é "sem futuro", e prepararão seus filhos para dizerem **sim** ao chamado divino.

Que a publicação desse livro não se faça esperar. **Moisés das Neves Farias.**

(6)

São várias as produções literárias do Rev. Josué Alves de Oliveira. Todas elas são de leitura agradável e edificante.

Agora sai mais uma produção do dedicado Ministro da Palavra. Como as demais, é de fundo bíblico-teológico. E não podia ser diferente porque a atuação do ilustre obreiro sempre foi de dedicação completa e integral ao Ministério da Palavra.

Ninguém melhor do que o autor deste livro para falar sobre a excelência do Ministério. Li o livro e gostei. É uma admirável produção que, como sói acontecer em todas as obras do autor, tem um estilo polêmico que tem de brotar, e brota institi-

vamente, da pena de quem possui o veio de admirável polemista da fé evangélica.

É um livro que precisa e deve ser lido, segundo a minha maneira de ver. A sua leitura, sem dúvida, levará o estudante a pesquisar melhor e mais profundamente assuntos importantes como "o ministério da mulher" e "os oficiais da igreja", temas que encerram opiniões diversas.

Mas a leitura de "A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO" é recomendada sobretudo porque vai levá-lo a ver, com profunda base bíblica, que é importante sabermos todos (pastores e pastoreados, Ministros e servos de Deus em geral), como é sublime e como precisa ser bem assimilado por todos nós o que a Bíblia ensina sobre a Vocação, sobre a Função, sobre o Serviço, sobre o Sustento, e sobre a Ética do Ministério, que é sobremodo excelente. **Deneci Gonçalves da Rocha.**

(7)

Livro oportuno: Estudo meticuloso, bíblico, permeando com fidelidade os aspectos mais importantes do ministério cristão.

Estudo que inspira, orienta e desperta no coração do Vocacionado, mais paixão à sagrada vocação.

Todos os seis capítulos trazem o coração apaixonado do autor, nos assuntos abordados, com meticulosa fidelidade à Palavra de Deus — as Escrituras Sagradas.

Concebe-se evidentemente, através de todo o livro, que o Rev. Josué Alves de Oliveira procura,

como sempre o faz em seus escritos, ser fiel o mais possível à Palavra de Deus, fato que por si só recomenda a sua leitura.

Sua linguagem é fluente, elevada, atraente e elegante, atraíndo e prendendo o leitor à leitura até o fim de um só fôlego.

Vale a pena lê-lo e guardá-lo junto à mesa de trabalho para relê-lo periodicamente. O Ministério evangélico está de parabéns e o nome do Senhor engrandecido neste estudo da vocação mais sublime do mundo. **Benedito Natal Quintanilha.**

APRESENTANDO

Distinguiu-me o prezado colega Rev. Josué Alves de Oliveira com o privilégio de apresentar aos apreciadores da literatura evangélica este seu livro que tem o magnífico título de — A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO.

Perlustrei todas as páginas originais, com acentuada solicitude, por ser responsável pela recomendação de uma obra da lavra de um admirável escritor que tem enriquecido a cultura evangélica com outras publicações.

O autor enfatiza, com o seu muito agradável estilo, a irrefutável realidade de que o Ministério Cristão é sacerdócio específico de pessoas constrangidas pelo amor de Cristo, impulsionadas pelo Espírito Santo, e andam por fé e não por visão; ministram a Palavra da Verdade com decência e ordem, em toda a parte onde o Senhor requer

Ministro evangélico, suficientemente testado por Deus, no cumprimento deste ofício sagrado, o Rev Josué Alves de Oliveira integra a galeria dos obreiros qualificados como "aprovados em Cristo", conforme o apóstolo Paulo

testificou sobre um dos seus cooperadores (Rm 16.10).

Os encômios alinhados nesta página impõem-se à justa recomendação desta obra, na qual, posso afirmar, o autor se retrata como zeloso Ministro do Evangelho.

Os argumentos concisos do Rev Josué, sobre a EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO configuram, exegeticamente, a sublime e incomparável vocação de Ministro, em termos sobre-excedentes às finalidades das profissões seculares, porque, como bem afirma o autor, "ser Ministro de Deus é plantar e edificar para a eternidade".

Apenas seis capítulos contém este livro, mas neles são encontrados tópicos e subtópicos suficientemente desenvolvidos para caracterizar, sob os aspectos mais concludentes, o honroso exercício do Ministério Evangélico como uma desejável aspiração episcopal.

Todo mérito desta preciosa obra os leitores aquilatarão das exuberantes acerções do autor sobre a transcendência da vocação de Ministro do Evangelho; a complexidade deste ofício, desempenho e sustento; a ética na prática ministerial e as incompatibilidades da mulher para exercer o ministério pastoral.

A leitura deste livro, por certo, ajudará as comunidades denominacionais a sustentarem o seu natural empenho pela idoneidade do ministério.

Salustiano Pereira César

PREFÁCIO

O meu velho amigo e colega de ministério houve por bem deixar uma aula completa e perfeita, até quanto pode ser perfeito o que fazemos para os jovens de todos os seminários e institutos bíblicos do Brasil e do mundo.

Sem pretensões de aparecer como mestre dos ministros, ele subiu à cátedra que exerce há 47 anos e retirou dela o que de mais precioso guardou em sua memória e na execução do seu ministério cristão.

Numa época em que tantos reputam o ministério como sub-produto da vida cristã, descobrimos no Rev. Josué Alves de Oliveira um pastor que depois de oferecer toda a sua vida ao ministério cristão, escreve uma magnífica tese sobre "A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO" tão bem apresentada nos seus seis breves capítulos, cada qual levando aos nossos corações de pastores, neste século de confusão e desagregamento moral e espiritual, a glória de termos escolhido excelente carreira de embaixadores do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Lembro-me quando completava os meus

quinze anos de ministério, ao visitar os Estados Unidos pela primeira vez das 33 vezes que já estive a serviço do Senhor, quando me perguntavam qual era a minha cátedra no seminário onde ensinava a minha resposta era: "Minha cadeira não existe, mas eu a exerço. Sou catedrático de Entusiasmo Ministerial". Ministrando aulas de História Bíblica ou Eclesiástica, Exegese do Velho e do Novo Testamento, Missões ou História da Filosofia, sempre descobri um caminho de injetar na alma dos meus alunos o entusiasmo ministerial de que eles necessitavam para terem êxito como embaixadores de Deus.

Agora, que o tempo de minha partida se aproxima e, como Paulo, sinto que a vocação não é apenas um dom que Deus dá, mas uma chamada soberana dEle:

Como refere os bons sinais de vocação;
A opinião do povo que o aprova;
A chamada de Deus que o convence;
Os frutos do ministério bem patentes.

Ao descrever a Crise da Vocação, chama a atenção para o fato de até Jesus Cristo ter sido tentado pelo diabo com as três maiores tentações do ministro — o Rev. Josué Alves de Oliveira, no "A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO" dá ênfase clara e bíblica a certos pontos que nunca vimos em qualquer outro

ministro, apesar de muitos crerem na doutrina do dízimo que era do ministério do Velho Testamento.

Nunca vi um pastor com tamanha coragem para dizer que o Dízimo é do ministério, como o capítulo "A manutenção do ministério" o diz.

É a coragem de alguém que entroniza o ministério no pedestal de excelência.

Tenho as cicatrizes das batalhas da fé uma vez dada aos santos e vejo com grande gozo um jovem pastor descrever seis maravilhosos estudos sobre "A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO".

Louvado seja Deus que ainda há "sete mil que não dobraram os joelhos a Baal", que vez por outra surgem para rejubilar os corações de velhos ministros que deram as vidas ao Senhor no sagrado e glorioso ministério!

Como foi confortador ler a introdução que eu teria imenso prazer de subscrever em todos os seus pormenores!

Corajosa introdução!

Eu gostaria de lê-la como a mensagem de um dos meus programas semanais de rádio e televisão. No capítulo sobre vocação, esgota o Rev. Josué Alves de Oliveira tudo que se en-

contra tanto no Velho, como no Novo Testamento, como só um exegeta de alto nível e profundo conhecimento bíblico poderia fazer.

Finalmente, o último capítulo é sobre um assunto que poucos ministros têm a coragem de tratar. Ele é uma conferência de teologia pastoral.

O autor falou em nome de Deus, fundamentando as suas afirmações no texto bíblico e o fez com uma clareza tal que os que crêem com convicção na Bíblia como a Palavra de Deus, ficam jubilados ao lerem especialmente os capítulos sobre vocação, o sustento, a ética ou deontologia ministerial e, finalmente, sobre o sexo. Este assunto atualíssimo neste fim de século quando a mulher compactua com os absurdos do antagonismo em tudo com especialidade naquilo que o próprio Deus determinou em Sua Palavra.

Os homens atiraram-se a uma filosofia que podemos afirmar "a filosofia da confusão", no campo político, social, religioso e jurídico, das quais constatamos os absurdos mais incríveis.

Os filhos é que ditam a ética que os pais devem seguir na sua educação.

O povo é quem resolve se vai obedecer ou não às leis criadas para a boa ordem do Estado, no exercício da justiça e a isso os filósofos da confusão chamam "desobediência Civil".

Os estudantes é que vão orientar os pedagogos, para lhes dizer como devem ser ensinados, e aos governos quanto devem exigir deles para lhes conferir um diploma legalizado.

As mulheres tomam as posições dos homens, nos lares e, agora, nos Estados e, finalmente, até nas igrejas, quando "devem aprender em silêncio" como Deus diz em Sua Palavra, para serem as doutrinadoras e ministras.

Falta apenas o último passo quando os criminosos, os ladrões e assassinos vão ser chamados para tomarem parte nos tribunais que julgarão os criminosos ou entre os juristas que preparam as leis e os códigos das nações, para proteger os direitos de todos os cidadãos.

É a inversão de tudo que é lógico, de tudo que significa ordem, disciplina, governo e autoridade.

Louvamos a Deus, ao vermos surgir um servo fiel que teve a coragem de expor com clareza meridiana o que Deus deixou em Sua Palavra para orientação da Sua Igreja, a qual tem de ser diferente do resto deste mundo que se deteriora tão rapidamente neste final de século, que nem há tempo de aparecerem os profetas de Deus para verberarem os absurdos

que estão sendo praticados em nome da liberdade.

A filosofia do absurdo em vigor neste século XX está tão difundida, que os homens se envergonham de defender os princípios da honradez, dignidade e respeito às leis Civis e de Deus, temendo serem chamados retrógrados e outros epítetos ridículos. Assim, prefere a maioria silenciar, mesmo que não aceite a tal filosofia do presente fim de época.

Louvado seja Deus que levantou um herói da fé para defender os princípios eternos e imutáveis da Sua Santa Palavra!

Com coragem sem par, levanta o ministério evangélico da posição humilhante em que vive, para proclamar — A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO!

Israel F. Gueiros — BD. DD. MD.

INTRODUÇÃO

Certa vez uma senhora crente, mãe de um menino que contava uns 12 anos de idade, falando comigo a respeito do futuro de seu filho, disse-me com bastante ênfase: **"Eu não quero que meu filho seja pastor. Esta carreira é muito espinhosa, e não tem futuro".**

Pobre mãe! Mulher cristã sem nenhuma visão espiritual. Coração vazio de amor e consagração a Deus. Compreensão egoísta e mesquinha das grandezas do santo Ministério da Palavra. Verdadeira negação do gesto simpático da consagrada Ana, que dedicou seu filho Samuel para servir no altar de Deus, no templo do Senhor. Sua abnegação de todos foi notória e, ainda hoje, ela serve de inspiração e modelo para as mães cristãs, que querem consagrar seus filhos a Deus.

Preferir uma carreira secular, seja ela qual for, em recusa ao Santo Ministério — quando há a consciência da vocação — é deixar o excelente pelo inferior, o melhor pelo pior.

Entretanto, isto acontece no meio da Família de Deus!

O Ministério Evangélico, em geral, é mal

compreendido pelos homens. Até certos crentes não vêem nele qualquer atrativo, qualquer compensação glorificante.

De fato, o Santo Ministério, do ponto de vista humano, é realmente difícil e não oferece vantagem compensadora. Se um moço inteligente e culto desejasse **"o episcopado"**, pretendendo glórias e honrarias humanas ou polpudos honorários, para viver na opulência e acumular riquezas, a decepção seria trágica e o tal, certamente desertaria.

Judas Iscariotes é um exemplo clássico!

Com efeito, o Ministério Evangélico é a mais difícil de todas as carreiras humanas. Entretanto, não é — "sem futuro" — no dizer da mulher a quem nos referimos.

Nenhuma carreira secular produz resultados semelhantes aos frutos do Ministério Sagrado. Tudo quanto o homem produz, no engenho laborioso de sua profissão, prende-se a esta vida. Entretanto, o Ministério Evangélico — e só ele — planta e edifica para a eternidade. É, portanto, uma missão tão sublime e tão gloriosa, que só os homens de Deus e os anjos do céu sabem aquilatar o seu valor.

O Ministro do Evangelho é um embaixador de Deus, neste planeta terra e a sua mensagem — sublimada pela graça divina — é celestial. Quando ele fala, o faz em nome de Deus e sob a inspiração do Espírito Santo.

Pregar — **"Cristo crucificado, poder de Deus e sabedoria de Deus"** — segundo escreveu Paulo aos crentes de Corinto, é a maior glorificação da linguagem humana. É, sem nenhuma dúvida, o maior convite para a vida eterna, e o mais sublime apelo da sacra eloquência para o resgate humano.

Verberar o pecado e oferecer o perdão, falar do amor de Deus e convencer da necessidade do arrependimento para a salvação — pela fé e pela graça de Jesus — eis a síntese da pregação.

A mensagem do Evangelho é o meio que Deus tem usado, através dos séculos, para a redenção da Humanidade mergulhada no pecado. Portanto, pregar o Evangelho é a maior glória para o servo de Deus.

O profeta Isaías, empolgado pelo fascínio de sua vocação, fez esta declaração impressionante: **"Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina"** (Is 52.7).

Os anjos têm ciúmes deste privilégio humano (I Pe 1.12).

Sem qualquer dúvida, o Santo Ministério é uma excelente Obra, e sem rival em todo o Universo!

Razões sobejas tinha o apóstolo Paulo ao fazer, com plena autoridade, esta afirmação: **"Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra deseja"**!

Santos, Novembro de 1983

Josué A. de Oliveira

Capítulo I

A VOCAÇÃO

Lemos, no Evangelho de Mateus, o seguinte registro: "Vendo ele (Jesus) as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. E então se dirigiu a seus discípulos: "A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara" (Mt 9.36-38).

Notemos bem esta enfática declaração de Jesus. Prestemos atenção ao fato de que é o Senhor da seara quem fala.

Se nos dias de Jesus, quando o trabalho de Deus estava centralizado em Jerusalém, a Causa se ressentia da necessidade de obreiros, que dizermos hoje, quando os campos se alastram e se multiplicam pelo mundo afora, sem limitações nem fronteiras?

É bem verdade que o número de obreiros hoje é bem maior do que nos tempos de Jesus. Entretanto, as necessidades também são incomparavelmente maiores, em face da expan-

são missionária nos vastos campos urbanos e rurais, em todas as latitudes e longitudes do nosso vasto planeta.

A ordem de Jesus, expressa com objetividade, logo após a sua ressurreição, foi esta: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura" (Mc 16.15).

Nesta visão mundial da igreja, no serviço do Reino, em obediência à ordem suprema do Senhor, há carência de obreiros devidamente vocacionados e preparados, e todo equipamento e recursos mobilizados são deficitários.

Em todas as Denominações, há um grande clamor pela falta de obreiros. Há centenas ou milhares de igrejas sem pastor, e campos pioneiros clamam e reclamam pela falta de missiosários que lhes ofereçam assistência espiritual.

Entretanto, digamos com profundo pesar:

Onde estão os obreiros?

Quantos se sentem envolvidos pela chama divina da vocação para o Santo Ministério?

Digamos com o Senhor Jesus: "A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos"!

Com esta explicação preambular, numa tentativa de fomentar vocações entre a juven-

tude de nossas igrejas, para formar um grande exército de pregadores do Evangelho, em atendimento à ordem suprema de Jesus, passemos a considerar este magno assunto — cheio de encanto e fascinação — conforme a graça elucidativa que o Senhor nos conceder.

Nesta dissertação, seguiremos o seguinte roteiro:

Primeiro: QUE É VOCAÇÃO

Entende-se por **vocação**, uma tendência para determinada coisa, um pendor, uma inclinação que vem do berço.

Destarte, uns nascem para as artes, e outros para as profissões liberais. Uns são oradores natos, e outros trazem do berço o talento para as ciências ou filosofias. E, nestas caminhadas, muitos se tornam célebres e se projetam nos domínios da cultura e da erudição. É costume dizer-se que o poeta não se faz: **nasce!**

Entretanto, no Ministério Evangélico, a vocação é diferente. É verdade que Deus aproveita os dons naturais daqueles a quem **chama** para o seu Serviço. A vocação ministerial, porém, é algo mais do que o meramente natural, pois não é da terra nem humana. Ela vem de cima — de Deus — e traz o "carisma" do Espírito.

A respeito disto, assim se expressou o Rev. Prof. Manoel da Silveira Porto Filho, quando falava aos seus alunos, no Seminário Congregacional de Pedra de Guaratiba, no Rio de Janeiro: "Vocação não é trocar o avental de cozinheira pelo pano de flanela, nem o balcão do armazém pela Bíblia e pelo livro de esboço de sermão. É a chamada divina para um trabalho mais glorioso, na Seara do Mestre".

Certa vez o profeta Amós disse a Amazias: "Eu não sou profeta, nem filho de profeta, mas um pastor de gado, que colho as bagas dos sicômoros para me sustentar delas. E o Senhor **pegou de mim**, quando eu andava atrás do meu rebanho, e o Senhor me disse: **Vai, profetiza ao meu povo de Israel**" (Am 7.14-15; Trad. Fig.).

Eis aí, com muita clareza, a **chamada divina** de um homem trabalhador, de vocação profissional comprovada — no pleno exercício da mesma — para um serviço de maior grandeza, no pastoreio espiritual de Israel, através do ministério da profecia.

Lemos, no livro de Gênesis, que Deus **chamou** a Abraão e lhe disse: "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, e vai para a terra que eu te mostrarei" (Gn 12.1).

Deus **chamou** a Moisés, numa visão de fogo, em meio às chamas da sarsa que ardia

e não se queimava. E Davi foi **chamado e ungido**, quando apascentava o rebanho de seu pai Jessé.

O Senhor Jesus chamou os discípulos — que eram pescadores — quando lançavam as redes ao mar, e lhes disse: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mt 4.19).

Paulo é chamado um **vaso escolhido**, para levar o nome de Jesus aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel" (At 9.15-16).

No livro de Atos está escrito que o Espírito Santo disse à igreja de Antioquia: "Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que **os tenho chamado**" (At 13.2).

No livro de Isaías, encontramos um relato expressivo da vocação do profeta messiânico. Ali se aprende que vocação é uma espécie de contrato entre Deus e o homem. Deus convida o homem e o credencia com valores espirituais, pela unção do Espírito. E o homem aceita, com plena submissão, o chamado divino para o Santo Ministério, conforme a direção vocacional traçada pelo próprio Deus.

Ao apelo convidativo feito ao profeta — na sua visão beatífica — **"A quem enviarei, e quem há de ir por nós?"** a resposta não se fez esperar: **"Eis-me aqui, envia-me a mim"** (Is 6.8). Então, o Senhor aceitou o oferecimento

do profeta santificado, e lhe disse: **"Vai, e dize a este povo. . ."**.

Como se observa, Deus tem uma mensagem para o povo rebelde deste mundo, e precisa de homens consagrados à semelhança de Isaías, que respondam ao brado convidativo com firmeza de propósito e espírito de obediência.

Convém notar que esta mudança, na vida do profeta, aconteceu depois de uma experiência de renovação espiritual pela presença do Senhor Não há vocação legítima sem que a preceda uma visão beatífica. Sem essa visão consagradora e santificante, a vocação é espúria e o ministério é triplicemente desprezível: **o povo o vê com restrições, o próprio ministro o subestima, e Deus, mais cedo ou mais tarde, o interdita.**

Entretanto, os que são vocacionados por Deus — e só estes — estão devidamente aparelhados para a grande missão e sentem, nas profundezas da alma, a chama inflamante que os constrange a todas as renúncias — a paixão pelas almas — mergulhadas no lodo do pecado e da perdição.

Moody, o príncipe dos pregadores, à semelhança de Paulo, sentia essa paixão indomável como nenhum outro. A seu respeito assim Torrey se expressou: "Seu amor pelos perdidos não conhecia limites de classe: podia ser um conde ou um moleque de rua. Para Moody, tanto fazia um como outro, pois ali se achava uma alma necessitada, e ele fazia todo o possível para salvar aquela alma"

O apóstolo Paulo, pastor e missionário, sentia o calor da chama divina nas profundezas da alma, a ponto de exclamar sofregamente: **"Ai de mim se não pregar o evangelho"** (I Co 9.16).

A vocação divina tem raízes profundas que precedem o ato do chamamento. É o caso de Jeremias. A sua experiência está narrada no primeiro capítulo do seu livro.

Assim está escrito: "A mim me veio, pois, a palavra do Senhor, dizendo: **Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e antes que saísses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações.** Depois estendeu o Senhor a mão, tocou-me na boca, e me disse: Eis que ponho na tua boca as minhas palavras" Jr 1 4-5,9)

Damos graças a Deus por esta revelação preciosa. Ela dá força ao Ministro do Evangelho e lhe robustece a fé, pois a sua chamada tem aspectos divinos e princípios eternos.

É verdade que a chamada se dá, no tempo e no espaço, na idade adulta ou até na infân-

cia, como no caso de Samuel. Entretanto, a decisão vocacional da parte de Deus precede o nascimento e vem antes da própria geração. Ela vem da eternidade. E isto lhe dá caráter permanente e irreversível!

Com efeito, Deus chama homens fiéis, sinceros, íntegros, piedosos, e aptos para esta grande Obra. Homens que tenham visão missionária e paixão pelas almas. E o Espírito Santo concede graça e outorga poder. Esta é a credencial por excelência. É o selo divino que habilita o recruta ao ingresso no glorioso Exército de Redenção. Aqueles que o têm estão devidamente equipados para entrar no bom Combate.

Segundo: OS SINAIS DA VOCAÇÃO

Não há vocação sem evidência e sinais distintos. Mesmo na vida secular aquele que exerce uma profissão, sem a devida habilidade, cai em descrédito perante o público e o povo, maliciosamente, murmura: **"fulano errou a vocação"**.

E o que é mais lamentável, é que o próprio indivíduo se sente desajustado com a profissão que erradamente abraçou, vivendo mal-humorado a lançar protestos contra a obra das suas mãos.

Um erro de vocação, na vida profissional

de uma pessoa, além de ser uma frustração traz prejuízos, às vezes, irreparáveis.

Entretanto, no tocante ao Santo Ministério, as consequências são mais graves e, quase sempre, o Senhor repreende.

Alguém poderá perguntar: Qual é a prova, quais são os sinais da vocação ministerial? É o que nos convém saber.

No exemplo supra-mencionado, nós constatamos duas opiniões em relação ao profissional desajustado, no seu trabalho, por lhe faltar o talento da vocação.

Uma é a opinião que o próprio forma a respeito de si mesmo. E outra é a opinião do povo, que aprova ou rejeita o tipo de produto ou a maneira de fazê-lo.

Mas, em relação à vocação ministerial, há uma terceira opinião a considerar, aliás a mais importante — a de Deus.

Consideremos estas opiniões, na seguinte ordem:

a) A Opinião do Vocacionado

Já dissemos que todo obreiro, de baixa ou alta categoria, deve estar bem ajustado na sua profissão, sob pena de pagar um preço bem caro pelo erro de vocação.

Se isto é verdade na vida secular, muito mais o é na vida espiritual, ou seja, no Ministério Evangélico. Cada Ministro de Deus deve estar bem entrosado no seu ministério, e deve ter plena convicção de sua chamada para o Santo Ofício.

O profeta Amós era convicto de sua vocação, conforme tivemos oportunidade de verificar.

O apóstolo Paulo também tinha certeza de que fora chamado por Deus, numa visão específica, e fez esta pública confissão: **"Eu não fui desobediente à visão celestial"** (At 26.19).

Aos crentes da igreja de Roma, ele escreveu o seguinte: "Paulo, servo de Jesus Cristo, **chamado para ser apóstolo**, separado para o evangelho de Deus" (Rm 1.1).

Conhecemos um moço que estava em situação precária, financeiramente falando. Era o grave problema do desemprego.

Era um moço de família crente e ele também o era, segundo me parece. Toda a família era muito amiga do diretor do seminário.

Que fez esse moço? Arrumou as malas e foi para o seminário. Bateu à porta do diretor e este o recebeu generosamente, em face dos laços da amizade que o prendiam à família.

Mais tarde, veio a crise — a crise de vocação — e o jovem aventureiro, não tendo convicção de sua chamada, não resistiu à crise, e abandonou o seminário.

Há muitas deserções na Seara do Mestre ou, melhor dizendo — no Ministério Evangélico. Uns renunciam logo no começo. E outros, quase no fim!

A chamada divina para o Santo Ministério é uma experiência tão real e tão clara, que infunde na alma do jovem uma convicção inabalável e inconfundível de tal maneira, que só a morte poderá apagar.

E só esta convicção persuasiva lhe dá estabilidade emocional, e firmeza de propósito para enfrentar — **"o bom combate da fé"** — no dizer do grande apóstolo (I Tm 6.12).

É o primeiro sinal de **VOCAÇÃO!**

b) A Opinião do Povo

A opinião do povo, formada a respeito da vocação de um obreiro, também merece especial atenção. Ela não deve ser desprezada nem subestimada.

Salomão diz que — "Não havendo sábia direção, o povo cai; mas **na multidão de conselheiros há segurança"** (Pv 11.14).

Se Deus chama um homem para o seu Serviço, é claro que não só provê os meios necessários para o sustento material, como também campo e ambiência para o seu trabalho. E o ambiente é formado pelo povo — que aceita ou reprova — o trabalho do obreiro.

Portanto, a opinião do povo deve ser considerada, a começar da escolha do candidato para o seminário.

Não nos referimos a opiniões isoladas de indivíduos mal-informados ou despeitados, mas a opiniões de coletividades — seja por meio de assembléias eclesiásticas ou concílios — seja através do povo em massa, nos auditórios.

Quando o povo aceita o ministério do pastor, tudo vai bem. Ao contrário, quando ele não aceita e o menospreza, tudo vai mal.

A vontade do povo, nesses casos é soberana e deve ser respeitada. A Bíblia diz que o ministério da pregação não se faz — "**por força nem por violência**" — mas por aquiescência, e pelo seu Espírito (Zc 4.6)

Escrevendo a Timóteo, Paulo faz esta recomendação: "Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por **profecia**, com a imposição das mãos do presbitério" (I Tm 4.14).

Note-se que o ministério de Timóteo contava com as indicações da profecia e o consenso unânime do presbitério.

Na mesma Carta (I.18), encontramos esta exortação: "Este é o dever de que te encarrego, ó filho Timóteo, **segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto:** Combate, firmado nelas, o bom combate".

Segundo entendemos, a expressão — "as profecias" — não se refere a profecias propriamente ditas, mas às opiniões, aos testemunhos, aos augúrios do povo, a favor do candidato Timóteo.

Noutra passagem, o mesmo apóstolo lembra certos fatos ao jovem pastor, e lhe faz esta exortação: "E o que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros" (II Tm 2.2) Note-se bem a expressão — "**através de muitas testemunhas**"!

No livro de Atos encontramos o seguinte registro: "Então os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas.

Mas, irmãos, **escolhei** dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de

sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra.

O parecer **agradou a toda a comunidade, e elegeram**... (os diáconos). E apresentaram-nos perante os apóstolos, e estes, orando, **lhes impuseram as mãos**" (At 6.2-6).

Merece destaque especial esta declaração — **"O parecer agradou a toda a comunidade, e elegeram"**!

Em relação à eleição de Matias para o apostolado — em substituição a Judas — o traidor, está escrito: "E lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias. E por **voto comum** foi contado com os onze apóstolos" (At 1.26).

Como se vê, **o povo também elege!** O povo elege, e decide sobre a "sorte" dos Ministros e dos seus pastorados, aceitando ou recusando o trabalho deles.

É o segundo sinal da VOCAÇÃO!

c) **A Opinião de Deus**

Escrevendo a Timóteo, Paulo faz esta admoestação: **"Não desprezes o dom que há em ti"** (I Tm 4.14).

Deus ao chamar um obreiro para o seu Ministério, lhe faz a outorga de uma graça es-

pecial — "o dom" — que o torna apto para o santo Ofício. É a chancela do Espírito — a unção —, sem a qual o ministério é vazio e estéril, não dá fruto para a glória de Deus.

Certa vez o povo, movido por sórdida inveja, levou a efeito uma campanha de descrédito contra seus líderes — Moisés e Arão. E Deus, na defesa dos seus ministros, pôs em evidência a **prova do sinal.**

Deixemos que a Bíblia fale: "Disse o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel, e recebe deles varas, uma pela casa de cada pai de todos os seus príncipes segundo as casas de seus pais, isto é, doze varas; escreve o nome de cada um sobre a sua vara.

Porém o nome de Arão escreverás sobre a vara de Levi; porque cada cabeça da casa de seus pais terá uma vara.

E as porás na tenda da congregação, perante o testemunho, onde eu vos encontrarei.

A vara do homem que eu escolher, **essa florescerá;** assim farei cessar de sobre mim as murmurações que os filhos de Israel proferem contra vós.

Falou, pois, Moisés aos filhos de Israel, e todos os seus príncipes lhe deram varas, cada um lhe deu uma, segundo as casas de seus pais; doze varas; e entre elas a vara de Arão.

Moisés pôs estas varas perante o Senhor na tenda do testemunho.

No dia seguinte Moisés entrou na tenda do testemunho, e eis que **a vara de Arão, pela casa de Levi, brotara e, tendo inchado os gomos, produzira flores, e dava amêndoas.**

Então Moisés trouxe todas as varas de diante do Senhor a todos os filhos de Israel; e eles o viram, e tomaram cada um a sua vara.

Disse o Senhor a Moisés: Torna a pôr a vara de Arão perante o Testemunho, para que se guarde **por sinal** perante os filhos rebeldes: assim farás acabar as suas murmurações contra mim, para que não morram" (Nm 17.1-10).

Esta passagem, pela sua clareza, dispensa comentário.

Deus revela a sua vontade soberana, quanto à vocação de seus Ministros, por meio da **frutificação.**

Dar **fruto**, no exercício do Ministério pastoral, é prova evidente de chamada divina. **É sinal incontestável de vocação comprovada.**

O Senhor Jesus, falando a respeito de obreiros e do serviço deles, fez esta declaração: "O que ceifa **ajunta fruto** para a vida eterna" (Jo 4.36).

É o terceiro sinal da VOCAÇÃO!

O primeiro pode falhar. O segundo, também. Mas o conjunto dos três constitui uma evidência de tal maneira inconfundível e irresistível, que só a morte poderá apagar!

Terceiro: A CRISE DA VOCAÇÃO

Cremos que não há vocação sem crise, às vezes, cruciante.

Mesmo na vida secular, a crise é uma constante. Um moço vocacionado para a Medicina, por exemplo, não conquistará o seu diploma sem o sacrifício de seus estudos, cada vez mais caros e mais difíceis. E muitos não querendo suportar as canseiras, ao longo da jornada, entram em crise e retrocedem. Não quiseram lutar, não quiseram pagar o preço da vitória e, por isto, fracassaram.

O Ministério Evangélico não foge a esta regra, a essa crise de vocação.

Não se trata, propriamente, de uma crise de aprendizagem na cultura secular ou teológica, mas de uma crise moral e espiritual. De uma crise que resulta de investidas do tentador, ou de um erro de vocação.

Cremos que não há obreiro de Deus que não tenha passado por essa crise martirizante — longa ou passageira — mas bastante para deixar na alma cicatrizes bem profundas.

O Senhor Jesus — o Único Infalível — bem pode servir-nos de advertência pois nem Ele escapou às tentações de Satanás.

Segundo os Evangelhos, logo após o batismo, Ele foi levado pelo Espírito ao deserto e ali foi tentado pelo diabo, durante 40 longos dias.

Nessa investida pretensiosa e audaz, o maligno lhe ofereceu alimento, domínio, poder e glória. Tudo isto lhe seria dado se, prostrado, lhe rendesse adoração (Mt 4.9).

Esta foi a primeira investida (crise) ao Ministério de Jesus. Se Ele não fosse Deus, certamente, teria caído na astuta cilada do tentador.

Pois bem: Ainda hoje Satanás está tentando os jovens ministros de Deus, oferecendo-lhes vantagens fabulosas do ponto de vista material.

Ele oferece salários polpudos, projeção social bem mais ampla, e glórias humanas bem mais pomposas. Ele oferece e dá riquezas. Ele teve a audácia de oferecer a Jesus — **"Os reinos do mundo e a glória deles"**.

Satanás é um senhor despótico e sórdido usurpador. Ele disputa a glória e a honra que pertencem ao Filho de Deus.

E muitos não resistem às glórias e riquezas que o inimigo lhes oferece e renunciam, preferindo o caminho da deserção, da fuga, à semelhança do apóstolo traidor.

Satanás foi derrotado por Jesus, na tentação do deserto, mas não se deu por vencido.

Mais tarde, quando o Senhor se achava encravado na cruz — ele O assediou — tentando evitar que Ele cumprisse a missão de Redentor da Humanidade.

Desta vez, ele fala por meio do povo, e se torna grande amigo do padecente do Gólgota. Ele clama, astutamente: "Se tu és o Filho de Deus, **desce da cruz** e creremos em ti".

A morte de Cristo, no patíbulo do Calvário, seria a redenção do Universo e a vitória esmagadora sobre o tentador. Por isto, ele não queria o sacrifício da cruz, e clama — usando o povo como instrumento de sua malícia — e diz: **"Desce da cruz, desce da cruz e creremos em ti"**.

Satanás é, realmente, terrível na astúcia e na malícia.

No Éden, ele usou uma serpente como instrumento de tentação. Na crucificação de Jesus, ele usou o povo incauto, insuflado pelas autoridades judaicas e romanas.

Se o Senhor tivesse dado ouvidos à voz do maligno, teria sido eternamente derrotado e nós com Ele, também. A vitória sobre Satanás foi a nossa vitória e, por isto, damos graças a Deus.

Realmente, a carreira sagrada do Ministério é dura. A coroa que os homens oferecem é de espinhos. E o trono é uma cruz. Há calúnias e infâmias. Há incompreensões e ultrajes de toda espécie, às vezes, do próprio rebanho que o pastor dirige.

Foi o caso de Paulo, o santo Ministro de Deus, conforme se vê nesta passagem: "Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculos ao mundo, tanto a anjos como a homens.

Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes; vós nobres, e nós desprezíveis.

Até à presente hora, sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa, e nos afadigamos, trabalhando com as próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, procuramos conciliação: **até agora temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos**" (I Co 4.9-13).

No meio a essas perseguições — de fora e de dentro — o inimigo segreda ao ouvido do homem de Deus, e lhe diz: "**Desce da cruz, desce da cruz, e creremos em ti**".

E muitos descem, mesmo. Não resistem à tentação, e abandonam a carreira com que foram chamados.

É a crise da vocação!

Cristo resistiu a essa crise, e alcançou vitória plena sobre o tentador. E os que são convictos de sua chamada divina — ajudados por Ele — que é o Senhor da Seara, Pastor e Bispo das nossas almas, certamente, vencerão também.

Quarto: A RECOMPENSA DA VOCAÇÃO

Se existem espinhos, na carreira ministerial, há também flores que trescalam perfumes, e frutos sazonados para colher.

Deus permite que os seus Pastores padeçam perseguição — do mundo e até da igreja — mas não os desampara, e sempre vela por eles e lhes dá plena cobertura, nas horas amargas da vida.

A respeito de Paulo, nós lemos o seguinte: "Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar

o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel, pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa **sofrer pelo meu nome**" (At 9.15-16).

Deus ao chamar o patriarca Abraão para o seu Serviço, além de outras promessas, ofereceu-lhe alvissareiro galardão, nos seguintes termos: "Não temas, Abraão, eu sou o teu escudo, e **teu galardão será sobremodo grande**" (Gn 15.1).

No Evangelho de João, cap. 4, o Senhor Jesus prometeu aos seus discípulos: "O que ceifa **recebe galardão,** e ajunta fruto para a vida eterna".

Na parábola dos talentos, o Senhor diz ao que recebeu cinco talentos e que, diligentemente, granjeara outros cinco: "Bem está servo bom e fiel; sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei· **entra no gozo do teu Senhor**" (Mt 25 21).

Paulo, quando se achava à sombra da morte, deu este precioso testemunho: "Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora **a coroa da justiça me está guardada,** a qual o Senhor justo juiz me dará naquele dia" (II Tm 4 6-8).

De fato, há recompensas gloriosas — **às vezes, no presente e, sempre, no porvir** — para os que são chamados por Deus, para o Serviço do Grande Rei, nosso Senhor Jesus Cristo.

Compete a cada obreiro servir, com diligência e abnegação, a fim de que possa ganhar o prêmio a que faz jus o seu glorioso Ministério!

Capítulo II

A FUNÇÃO

O obreiro de Deus, chamado para o Santo Ministério, é apresentado na Bíblia sob vários títulos.

Não se trata de abundância de sinonímia, mas de aspectos diferentes das tarefas que lhe são reservadas, de acordo com os dotes vocacionais.

Sendo assim, além de muitas outras funções que o ministro ocasionalmente exerça, com finalidades específicas, há aquelas em que ele é claramente classificado com funções definidas, conforme as passagens probatórias que passamos a considerar.

Primeiro: MINISTROS

Quem trabalha no Evangelho é, antes de tudo, **ministro.**

Daí a razão de dizer-se com muita propriedade: **Ministro do Evangelho.** É um termo genérico que inclui todas as funções do seu Ofício religioso. Qualquer trabalho que ele

realize, com função eclesiástica, o faz na qualidade de **ministro.**

No Velho Testamento, este termo era frequentemente usado em relação aos que serviam a Deus.

Moisés e Arão eram chamados ministros. Os sacerdotes e os levitas também eram ministros.

Os substantivos — ministro e ministério e o verbo ministrar — aparecem, no Velho Testamento, com admirável exuberância.

No Novo Testamento, estes vocábulos também ocorrem com muita frequência, indicando, genericamente, a função dos que serviam na Obra do Evangelho, inclusive os apóstolos.

Paulo fala de sua convicção vocacional e declara: "Porém, em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o **ministério** que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus" (At 20.24).

Falando à comunidade dos discípulos, reunidos em assembléia na cidade de Jerusalém, os apóstolos recomendaram a eleição de diáconos para o serviço social da igreja, e fizeram uma declaração conjunta nos seguintes termos: "Quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao **ministério da palavra**" (At 6.4).

Para maior clareza, vejamos algumas afirmações bíblicas, que definem as posições dos ministros, nos planos de Deus, a origem e a natureza do seu ministério:

a) No Evangelho de Lucas, os obreiros são chamados — "ministros da "**palavra**" (Lc 1 2),

b) Escrevendo aos romanos, Paulo se apresenta como — "**ministro de Cristo**" (Rm 15.16);

c) Aos tessalonicenses, o mesmo apóstolo recomenda o jovem pastor Timóteo como — "**ministro de Deus**" (I Ts 3.2);

d) Em II Co 3.6, encontramos esta magistral declaração. "A nossa suficiência vem de Deus, o qual nos habilitou para sermos MINISTROS DE UM NOVO TESTAMENTO".

Em linhas gerais, está caracterizada a função dos obreiros evangélicos como **ministros**, no serviço religioso da igreja, sem levar em conta outros aspectos do mesmo ministério, conforme os cargos que lhes sejam atribuídos.

Segundo: PASTORES

Sem nenhuma dúvida, a maior função do Ministro do Evangelho é a de Pastor Isto quer

dizer, o serviço daquele que apascenta as ovelhas de Jesus.

Logo após a ressurreição, o Senhor Jesus teve um encontro marcante com o apóstolo Pedro, quando o reconduziu ao santo ministério, outorgando-lhe a função de **pastor.**

A passagem que transcrevemos — por ser clara e contundente — dispensa comentário.

Assim está escrito: "Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu. Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: **Apascenta os meus cordeiros.**

Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: **Pastoreia as minhas ovelhas.**

Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: **Apascenta as minhas ovelhas**" (Jo 21,15-17).

Como se vê, através desta passagem, Pedro — no exercício do seu ministério — além de ser apóstolo, também foi investido na categoria de **pastor.**

Na Bíblia está escrito que há diversidade de **ministério**, ou **serviços**, conforme a Tradução Atualizada de Almeida (I Co 12 5) E, entre eles, está "**o serviço de pastor**".

Na Carta aos Efésios, lemos o seguinte. "E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para **pastores** e mestres" (Ef 4.11).

Como se observa, o pastor é portador de uma credencial divina — o dom, o "carisma" — que lhe dá condições para exercer o seu pastorado, de acordo com a vontade do Senhor.

No Velho Testamento, Deus chama aos profetas e sacerdotes — os guias espirituais do povo — de "meus pastores", e apresenta contra eles um libelo veemente condenando os desvios abomináveis do seu ministério pastoral, dominados pelo materialismo e pelo sórdido sentimento de avareza.

Transcrevemos parte desse libelo, como séria advertência para os pastores modernos da atualidade: "Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel. profetiza, e dize--lhes: Assim diz o Senhor Deus: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?

Comeis a gordura, vesti-vos da lã e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas.

A fraca não fortalecestes, a doente não curastes, a quebrada não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza.

Assim se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo.

As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes, e por todo elevado outeiro; as minhas ovelhas andam espalhadas por toda a terra, sem haver quem as procure, ou quem as busque.

Portanto, ó pastores, ouvi a palavra do Senhor:

Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, visto que as minhas ovelhas foram entregues à rapina, e se tornaram pasto para todas as feras do campo, por não haver pastor, e que os meus pastores não procuram as minhas ovelhas, pois se apascentam a si mesmos, e não apascentam as minhas ovelhas; portanto, ó pastores, ouvi a palavra do Senhor:

Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu estou contra os pastores, e deles demandarei as minhas ovelhas; porei termo no seu pastoreio, e não se apascentarão mais a si mesmos; livrarei as minhas ovelhas da sua boca, para que já não lhes sirvam de pasto" (Ez 34.1-10)

Todo o resto do capítulo é vasado em termos de advertência e verberação, em face da derrocada espiritual da liderança do seu povo.

Diante da falência da elite dos guias de Israel — os pastores — Deus mesmo se apresenta como o legítimo Pastor do seu povo, nos seguintes termos: "Porque assim diz o Senhor Deus: Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas, e as buscarei.

Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, asssim buscarei as minhas ovelhas; livrá-las-ei de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvens e de escuridão.

Tirá-las-ei dos povos, e as congregarei dos diversos países e as introduzirei na sua terra; apascentá-las-ei nos montes de Israel, junto às correntes, e em todos os lugares habitados da terra.

Apascentá-las-ei de bons pastos, e nos altos montes de Israel será a sua pastagem; deitar-se-ão ali em boa pastagem, e terão pastos pingues nos montes de Israel.

Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas, e as farei repousar, diz o Senhor Deus" (Ez 34.11-15).

Além de Deus, o Pai, o Senhor Jesus também honra o Ministério dos Pastores, pois Ele é — "O GRANDE PASTOR DAS OVELHAS, PELO SANGUE DA ETERNA ALIANÇA" (Hb 13.20).

O apóstolo Pedro, em referência ao pastoreio de Jesus, afirma que Ele é **Pastor e Bispo** das nossas almas (II Pe 2.25). E, noutra passagem, ele se refere à Sua Volta, nestes termos: "Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcecível coroa de glória" (I Pe 5.4).

E, daí por diante, haverá — **um só Pastor e um só rebanho** (Jo 10.16).

Então, cumprir-se-á o que está escrito em Ap 7.17: "pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono **os apascentará e os guiará** para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima".

Terceiro: BISPOS

O texto que serviu de inspiração para a formação deste modesto livro está vasado nestes termos: "Se alguém deseja o **episcopado**, excelente obra deseja" (I Tm 3.1).

O vocábulo "episcopado" significa — dignidade de bispo — e põe em relevo, simplesmente, uma das modalidades do ministério. Não se trata de um ministério novo, mas de uma nova função do mesmo ministério.

Destarte, o Ministro do Evangelho além de ser ministro e pastor é, também, **bispo.**

Em o Novo Dicionário da Bíblia, no capítulo que trata do assunto, lemos o seguinte: "Os pastores presumivelmente devem ser identificados com os ministros locais, instituídos pelos apóstolos (At 14.23), ou por seus assistentes (Tt 1.5), para servirem às necessidades de alguma congregação específica, e são indiferentemente descritos como **presbíteros** ou **bispos**".

É digno de nota a pluralidade da nomenclatura, com significados diferentes.

O Dr. Demetrio Fraiha, no seu Dicionário da Bíblia, define o vocábulo grego — "EPISKOPOS" — da seguinte maneira: **"O mesmo que pastor, com o significado de superintender, vigiar, vistoriar a obra confiada aos seus cuidados. Não é um cargo acima de pastor. Não é um título hierárquico, mas funcional, para cooperar no crescimento do corpo visível e local, que é a igreja cristã de cada região".**

Como se nota, "bispo" e "pastor", à luz da Bíblia, é a mesma coisa. São títulos e funções diferentes da mesma classe, do mesmo ministério. Assim definem os lexicólogos, e ensinam os bons exegetas.

Como pastor, o obreiro cuida do rebanho

— alimentando, doutrinando, e intercedendo a favor das ovelhas, junto ao altar de Deus. Este é o trabalho específico do **pastor.**

E, na qualidade de **bispo,** ele supervisiona, administra, e exerce autoridade sobre o mesmo rebanho, encarnando a dupla função de pastor e bispo.

Na Epístola a Timóteo, Paulo fala a respeito de **bispo** e apresenta as qualificações de que ele deve ser portador as quais são também exigidas para **ministros, pastores e presbíteros.**

Estas são as recomendações do apóstolo: "É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento; e que governe bem a sua casa, criando os filhos sob disciplina, com todo respeito (pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça, e incorra na condenação do diabo. Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo" (I Tm 3.2-7).

Estas qualificações claras e objetivas, indicadas para **pastores, bispos e presbíteros,**

não caducaram. Elas são vigentes, e merecem atenção especial por todo aquele que **"aspira ao episcopado"**, isto é, ao Santo ministério.

Quatro: PRESBÍTEROS

O Ministro do Evangelho, além de ser pastor e bispo é, também, **presbítero**, conforme a classificação neotestamentária.

No Velho Testamento, os anciãos de Israel ocupavam cargos importantes — quando eram convocados — e exerciam ascendência moral, social e administrativa sobre o seu povo, em face de sua longa experiência, somada ao peso dos anos.

Para que não haja dúvidas, leiamos esta passagem: "Disse o Senhor a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que sabes serem anciãos e superintendentes do povo; e os trarás perante a tenda da congregação, para que assistam ali contigo.

Então descerei e ali falarei contigo; tirarei do Espírito que está sobre ti e o porei sobre eles; e contigo levarão a carga do povo, para que não a leves tu somente" (Nm 11.16-17).

O vocábulo — "ZÃNQUIÊN" — (ancião, no hebraico, corresponde a — "PRESBYTEROS" — (ancião, no grego), e lembra a idéia

de sabedoria adquirida e acumulada pela experiência da vida.

Entretanto, com a formação de Seminários e Faculdades Teológicas, nos tempos modernos, a suficiência pode ser antecipada, em face da experiência adquirida pelo treinamento e estudos especializados.

Desta maneira, jovens podem ser **presbíteros**, à semelhança de Timóteo, sem serem anciãos.

É bem verdade que Timóteo foi pastor nos tempos apostólicos, e não cursou seminário ou faculdade de teologia.

Entretanto, ele teve educação religiosa aprimorada de sua mãe Eunice e de sua avó Lóide, além da cultura teológica aos pés de Paulo, o grande mestre e respeitável teólogo.

Na Igreja Cristã, a função dos presbíteros mudou bastante do tipo de serviço que os anciãos prestavam, na Velha Aliança, na comunidade de Israel.

Lá, eles prestavam serviço administrativo, de acordo com a ética e as leis levíticas.

Aqui, a sua função é estritamente religiosa, conforme se pode ver nesta relação de serviços que eles prestavam:

a) Pregar a Palavra e ensinar a doutrina (I Tm 5.17);

b) Opinar e decidir sobre questões teológicas (At 15.6; 16.4);

c) Representar suas igrejas perante os concílios (At 15 2-4);

d) Visitar os enfermos e orar por eles e com eles (Tg 5.17);

e) Governar a igreja, sem prepotência e torpe ganância (I Pe 5.1-3);

f) Pastorear (função específica de pastor) o rebanho, que é "a igreja de Deus" (At 20.17,28)

Esclarecidas e definidas as metas do seu serviço — no âmbito da igreja — os presbíteros deveriam ser portadores de qualificações pessoais, que os credenciassem perante a igreja e diante do mundo. E essas qualificações são as mesmas recomendadas em relação aos pastores e bispos, conforme Tt 1.5-9, e outras passagens.

Concluímos, pois, que os títulos — **pastor, bispo e presbítero** — e os verbos **pastorear** e **apascentar** são usados, na Bíblia Sagrada, indistintamente, em relação às mesmas pessoas e ao mesmo Ofício.

Para maior clareza, vejamos alguns exemplos:

a) Em Mileto, Paulo mandou chamar os presbíteros de Éfeso, e lhes fez a seguinte comunicação: "O Espírito vos constituiu **bispos** para pastoreardes a igreja de Deus" (At 20.17,28);

b) Como se observa, para o Espírito Santo e Lucas, que é o autor do livro de Atos, presbítero e pastor são funções diferentes, exercidas pelo mesmo ministro, de acordo com as determinações do Espírito e as necessidades da igreja;

c) O apóstolo Pedro escreveu o seguinte: "Aos presbíteros que estão entre vós, admoesto eu, que sou presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar· **Pastoreai o rebanho de Deus** que há entre vós" (I Pe 5 1-2);

Na Trad. de Almeida na Linguagem de Hoje, em sua 1.ª edição, o texto foi traduzido assim: "Eu, que sou um **pastor da igreja**, dou agora conselho aos **outros pastores**".

Note-se bem o jogo de palavras, em perfeita sinonímia, em relação às mesmas pessoas, aos mesmos ministros.

Na Carta a Timóteo, Paulo faz referência à sua ordenação ministerial, e põe em relevo

a imposição de mãos do **presbitério**, isto é, do conselho de presbíteros que oficiou naquele ato consagratório (I Tm 4.14).

E, noutra passagem, em referência ao mesmo fato, ele lembra ao jovem ministro: "Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus, que há em ti pela **imposição das minhas mãos**" (II Tm 1 6)

Sem nenhuma dúvida, ele tomou parte saliente na consagração ao Santo Ministério de seu filho na fé, e se inclui como um dos presbíteros daquele Egrégio Presbitério.

Isto é importante e elucidativo!

d) Escrevendo a Tito, o mesmo apóstolo lhe recomenda que eleja **presbíteros** nas cidades de seu campo missionário e, ao descrever as qualificações pessoais indispensáveis, fala de **bispos** (Tt 1 3-5)

Dizer que ali se trata de coisa diferente, é violentar o texto sagrado e faltar com a verdade. O fato é que o apóstolo não fazia distinção alguma entre bispo e presbítero.

e) Na Epístola aos filipenses, Paulo e Timóteo enviam saudações cristãs aos crentes de Filipos, e se dirigem aos **bispos** e **diáconos** (Fl 1.1)

Perguntamos: Onde estariam os presbíteros e o pastor (ou pastores) daquela igreja? E por que tanto desprezo para com eles? Teria Paulo fugido à ética ministerial? E Timóteo teria caído no mesmo erro?

No foi nada disto. Os presbíteros e os pastores (havia mais de um) estavam lá, em plena atividade pastoral e missionária, e foram contemplados nas respeitosas saudações que os ministros de Deus lhes fizeram. **Eram os bispos.**

Eles poderiam ter dito — "**pastores** e diáconos", ou "**presbíteros** e diáconos". Entretanto, preferiram usar a forma equivalente — "**bispos** e diáconos", sem qualquer diferença ou perda morfológica.

Em relação à pluralidade dos pastores existentes naquela igreja, fato que ocorre em algumas igrejas neotestamentárias como, por exemplo, a igreja de Éfeso (At 20.17), não vemos o fantasma da incompatibilidade que alguns vêem. Para tais pessoas não seria possível que dois ou mais pastores dirigissem o mesmo rebanho, sem dissensões ou choques de liderança.

Por dois motivos esta objeção não procede.

Primeiro, porque foge à realidade bíblica. No texto mencionado (At 20.17), há referência aos presbíteros da igreja de Éfeso e, no

verso 28 do mesmo capítulo, está escrito o seguinte: "O Espírito Santo vos constituiu **bispos para pastoreardes** a igreja de Deus".

É evidente, pois, que havia alguns bispos ou pastores (a quem Paulo chamou, primeiramente, de **presbíteros**) que trabalhavam na igreja de Éfeso e pastoreavam o mesmo rebanho, numa liderança altamente cristã e democrática — em regime de equipe — cada um tendo sua tarefa específica, sem despeito e sem disputa de primado.

Notemos que Paulo lembra que passou três anos (v.31), dando-lhes instruções, e preparando-os para o **presbiterato** (v.17), ou **bispado** (v 28) E, durante esses três longos anos, eles provaram que podiam trabalhar juntos, em perfeita harmonia.

Segundo, porque é preciso não esquecer os fatos históricos da época, as dificuldades de transporte e comunicação, o confinamento circunstancial das igrejas, o pioneirismo dos campos, as hostilidades do meio ambiente, agravadas pelas perseguições religiosas.

É preciso não olvidar a técnica adotada por Jesus — quando enviou os discípulos em equipe de dois — na excursão missionária, princípio também adotado pela igreja de Antioquia (At 13.2).

Enfim, é bom lembrar a atuação eficaz e coordenadora do Espírito Santo, ao qual os obreiros estavam plenamente atentos e submissos.

Tudo isto justificava a formação de **equipes pastorais** — de liderança e de serviço — nos primórdios da obra missionária da Igreja Primitiva.

Hoje, as circunstâncias mudaram. E a necessidade da pluralidade de pastores à frente de uma igreja também mudou. Salvo quando se trata de igrejas grandes e poderosas, com vasto campo missionário. Essas igrejas normalmente têm pastor titular, co-pastor, ministro de música, e tantos pastores quantos forem necessários. Ainda hoje é assim.

Fora disto, o normal é CADA IGREJA TER O SEU PRESBÍTERO, O MAIS VELHO — NA EXPERIÊNCIA E NA MATURIDADE CRISTÃ — QUE É O LÍDER, O BISPO, OU COMO SE CONVENCIONOU CHAMAR, O PASTOR!

Assim interpretam as igrejas batistas, os seus pastores e doutores. E, neste particular, estamos de pleno acordo.

Entretanto, a Igreja Presbiteriana tem interpretação diferente. Segundo a mesma, as igrejas continuam tendo a pluralidade de pres-

bíteros, os quais se dividem em — **presbíteros regentes** — os que formam os conselhos que, sob a presidência do pastor, administram a igreja, e os — **presbíteros docentes** — que são os pastores, os quais, no dizer de Paulo, "**se afadigam na palavra e no ensino**" (I Tm 5.17)

Não contestamos esta divergência interpretativa. É um direito que lhe assiste. Todos têm a liberdade de aceitar ou recusar qualquer exposição exegética, qualquer forma de interpretação. A divergência, no entanto, não invalida o ponto de vista contrário.

No regime congregacional, as igrejas também aceitam a interpretação presbiteriana, com algumas exceções. Neste sistema de governo, as igrejas são autônomas, e a assembléia eclesiástica é soberana nas suas decisões.

Os presbíteros e os diáconos, em conjunto ou separadamente, — a critério de cada igreja — estudam, por antecipação, os assuntos de ordem espiritual, e os encaminham à assembléia da igreja, para efeito de homologação ou rejeição. As decisões das assembléias — e só elas — têm valor jurídico.

Há outras denominações que adotam critérios diferentes de interpretação a respeito de presbítero, no tocante à sua função eclesiástica. Adotam, inclusive, uma nomenclatura diferente, preferindo termos substitutivos.

Não queremos discutir este assunto, porque foge ao escopo deste livro.

Finalmente, não levando em conta as pequenas diferenças de interpretação pelas várias denominações, em relação ao significado e função eclesiástica do presbítero, concluímos que — **ministro** (termo genérico que designa toda a classe), **pastor**, **bispo** e **presbítero** —, à luz da Bíblia, é a mesma coisa. Não faz a menor diferença!

A pluralidade da nomenclatura justifica-se pelos cargos que ocupam, ou pelas funções que exerçam, no desempenho do Sagrado Ministério.

É isto só, e nada mais!

Capítulo III

O SERVIÇO

O Ministro do Evangelho é, antes de tudo, um servo de Jesus Cristo, chamado para **servir** (Rm 1 1)

Paulo, ao referir-se à sua vocação, emprega a palavra "doulos" que, na língua grega, significa **escravo.** Portanto, ele se considerava um escravo de Jesus Cristo, a serviço do seu Reino.

Entretanto, há uma grande diferença a considerar. O escravo dos homens não tem vontade própria, nem liberdade de ação. Sua vontade é a do seu senhor, imposta por violência e prepotência.

Não é o caso de Paulo e dos ministros em geral, que servem por amor e plena submissão à vontade do Senhor Jesus. São escravos voluntários porque ouvem o chamado e, em prova de gratidão pela maravilha da salvação, querem **servir.** É uma decisão voluntária e pessoal. E, uma vez recrutados, o Espírito Santo concede a graça necessária e outorga "dons", cujo objetivo é o crescimento da Igreja.

A este respeito Paulo escreveu o seguinte: "E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para **o desempenho do seu serviço**, para edificação do corpo de Cristo" (Ef 4.11-12)

Disposto a servir, com bravura e paixão pelas almas, e revestido do poder do alto (Lc 24 49), o homem de Deus realiza o seu ministério, apesar de suas deficiências. As tarefas que ele realiza são determinadas pelo Espírito Santo, de acordo com os dotes vocacionais. Sendo assim, ele reúne qualidades essenciais para o exercício do seu ministério, as quais lhe proporcionam capacidade e suficiência, conforme passamos a ver nos registros em o Novo Testamento.

Primeiro: PREGAR O EVANGELHO

O Pastor evangélico é, em caráter prioritário, **pregador.** Portanto, sua atividade principal é pregar o Evangelho.

No Velho Testamento, não havia o ministério da pregação. É bem verdade que há referências a pregadores, nos tempos da vigência da Lei, mas eram exceções.

Jesus, por exemplo, fez referência à pregação de Jonas, nestes termos: "Ninivitas se

levantarão com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com **a pregação de Jonas.** E eis aqui está quem é maior do que Jonas" (Mt 12.41).

A respeito de Noé, Pedro declara que foi — "**pregador da justiça**" (II Pe 2 5) E o sábio Salomão se apresenta como **pregador da verdade** (Ec 1.1-2, 12.9-10)

Estes fatos notáveis, no entanto, fugiam à regra: Eram realizações exceptivas.

A pregação da Palavra, sem nenhum dúvida, é criação da Nova Aliança, na dispensação da Graça. E coube ao Senhor Jesus, com sua autoridade divina, fazer a abertura deste novo meio de comunicação, honrando-o Ele mesmo como primeiro e principal Pregador.

O Dr Lucas, a seu respeito, nos informa o seguinte: "Então lhe deram o livro do profeta Isaías e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito· O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para **evangelizar** aos pobres; enviou-me para **proclamar** libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e **apregoar** o ano aceitável do Senhor" (Lc 4 17-19)

E, em cumprimento a esta missão sagrada, deu sequência ao ministério da **Pregação,**

o qual foi glorificado com milhares de sinais, prodígios e maravilhas.

No Evangelho de Marcos está escrito: "Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, **pregando o evangelho de Deus,** dizendo· O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo, **arrependei-vos e crede** no evangelho" (Mc 1 14-15)

A ordem autorizada de Jesus aos seus discípulos, após a sua ressurreição, foi — "Ide por todo o mundo, e **pregai** o evangelho a toda a criatura" (Mc 16.15)

Conheci um pastor, já no meio de sua carreira ministerial, que me disse certa vez que não gostava de pregar Disse, e repetiu aquela afirmação desconcertante.

De fato, ele não tinha prazer na pregação do Evangelho porque não era vocacionado e não tinha a "unção" do Espírito. Tanto é assim que, mais tarde, ele se desviou do caminho e renunciou ao Santo Ministério, para não ter o **desprazer** da pregação. Foi, sem nenhuma dúvida, uma opção infeliz e lamentável, de graves consequências.

Paulo, o Pastor exemplar, pensava de modo diferente. Ele era cônscio da sua missão de pregador, e sentia desejo ardente de pregar.

Escrevendo a Timóteo, ele disse o seguin-

te: "Eu fui **designado pregador**, apóstolo e mestre (II Tm 1 11) E, na Carta aos Efésios, está escrito: "Do qual fui constituído **ministro** conforme o dom da graça de Deus, a mim concedida, segundo a força operante do seu poder. A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de **pregar aos gentios o evangelho** das insondáveis riquezas de Cristo" (Ef 3 7-8)

No desejo insopitável de difundir o evangelho da graça, ele exorta o jovem ministro, que era seu filho na fé: **"Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não"** (II Tm 4 2) E mais: **"Faze o trabalho de evangelista,** cumpre cabalmente o teu ministério" (II Tm 4 5)

Transcrevo, data venia, palavras do Rev Prof. Salustiano Pereira César, a respeito do Ministério· "O ministro tem o dever de dirigir o culto, ministrar as ordenanças eclesiásticas, instruir e orientar os profitentes da Fé, assistir os doentes, pobres e carentes, porém, o mais importante dever é **a pregação pública da Palavra de Deus,** para conversão dos pecadores e edificação dos crentes" (o grifo é nosso).

Não há dúvida: Pregar o evangelho é a missão principal do ministro de Cristo. Qualquer que seja a função que ele exerça ou o serviço que ele preste, na Seara de Cristo, a

pregação da Palavra que salva e que redime — através de Cristo — ocupa lugar prioritário.

Segundo: ENSINAR A DOUTRINA

Em face da estrutura cultural do ministro, tanto secular como religiosa, ele tem não só capacidade mas o **dever de ensinar.** Os discípulos de Jesus assim entenderam e praticaram, à risca, este dever imperioso. No livro de Atos, está escrito: "E todos os dias, no templo e de casa em casa, **não cessavam de ensinar,** e de pregar Jesus, o Cristo" (At 5.42).

Escrevendo a Timóteo, Paulo faz esta exortação· "Aplica-te à leitura, à exortação e ao **ensino**" (I Tm 3.2).

Na relação dos dons concedidos pelo Espírito, Paulo inclui o de **mestre,** como se vê nesta passagem: "A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro lugar, **mestres** (I Co 12.28) E, na Carta aos Romanos, ele se refere ao ministério do **ensino**, e exorta nestes termos: **"O que ensina, esmere-se no fazê-lo"** (Rm 12 7).

Paulo recomenda "dobrada honra" aos presbíteros ou ministros, principalmente, aos que "se afadigam na palavra e **no ensino**" (I Tm 5 17).

Paulo, educado aos pés do sábio Gamaliel, era **mestre por excelência** e reunia um cabedal de conhecimentos invejável. Era poliglota, conferencista respeitável e preclaro teólogo. Entretanto, apesar de sua erudição, já no ocaso de seu ministério, quando prisioneiro na cidade de Roma, escreve a Timóteo e lhe faz este pedido: "Quando vieres, **traze os livros, principalmente os pergaminhos**" (II Tm 4.13).

O grande mestre tinha "dedicação ao ensino" e, por isto, sentia a necessidade de estudar ainda mais, tanto na área secular como na cultura teológica. Por isto, precisava dos livros e dos pergaminhos sagrados. Paulo é modelo de um bom ministro de Cristo, digno de ser imitado.

Vejamos o que está escrito: "Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores. Por esta causa vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como por toda parte **ensino em cada igreja**" (I Co 4.16-17). E, noutra parte, o Espírito o impeliu a repetir a exortação. "Sede meus **imitadores**, como também eu sou de Cristo" (I Co 11.1).

Vale a pena imitá-lo!

Nada mais temos a acrescentar. A Bíblia revela, com exuberância, que o **magistério sagrado** — nas igrejas e nas instituições teoló-

gicas — faz parte do serviço do ministro do evangelho visto que, além de pastor, ele também é **mestre.**

Hoje, com os meios modernos de comunicação — o rádio, a televisão, a imprensa e, principalmente, os livros — o campo se torna mais vasto e as possibilidades mais abundantes, para a pregação da Palavra e o ensino da doutrina pelos mestres da Igreja.

Terceiro: EXORTAR OS OUVINTES

Aos crentes de Corinto, Paulo escreveu estas palavras elucidativas a respeito dos dons espirituais. "Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando um fim proveitoso" (I Co 12 4-7).

Nas expressões — "diversidades nos serviços" e "diversidades nas realizações" — da passagem citada, está **o serviço de exortar,** que faz parte do ministério do pastor.

Exortar não é pregar nem ensinar. É tudo isto e mais do que isto.

Pela pregação, o ministro apresenta a

mensagem. Pela exortação, ele tenta aplicá-la aos ouvintes.

A pregação, em si mesma, é um discurso religioso. A exortação, associada à pregação, faz a mensagem.

Pregar é apresentar o plano de salvação, em Cristo Jesus, através do sacrifício redentor do Calvário.

Exortar é argumentar, com lógica e exemplos, a fim de induzir os ouvintes à persuasão e à decisão pela fé. De modo que a pregação e a exortação se misturam e se completam, e formam a mensagem integral do pregador do Evangelho.

Segundo os lexicólogos, **exortar** significa: "**Procurar convencer por meio de palavras, aconselhar, persuadir, animar, encorajar, incitar**".

Podemos ver, através desta definição, quão importante é este aspecto da pregação.

Escrevendo à igreja de Corinto, Paulo diz o seguinte: "De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus **exortasse** por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus" (II Co 5.20). E acrescenta: "E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos

exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus" (II Co 6.1).

Em relação à pregação do profeta João Batista, está escrito o seguinte: "Assim, pois, **com muitas outras exortações**, anunciava o evangelho ao povo" (Lc 3.18).

Como se observa, a exortação é um dos caminhos da pregação, e faz parte integrante da mesma. E todo pregador palmilha por esta senda, nas suas jornadas evangelizantes.

Entretanto, à luz da Bíblia, notamos que a **exortação** ultrapassa os limites da pregação, e toma a forma contundente de **homilia**, cuja finalidade é levar os convertidos à prática da doutrina do Evangelho, e à santificação da vida.

Pela pregação as almas se salvam. Pela exortação, elas se aperfeiçoam e se santificam. A pregação, quando atinge o seu objetivo, **cessa**. Entretanto, o ministério pastoral da exortação **continua**, e só termina quando o crente se transfere para a Igreja Triunfante, na eternidade.

Pela exortação, o pastor zeloso procura instruir os neófitos, e os claudicantes na fé e na conduta, a uma vida de pureza e crescimento espiritual.

Quando se trata de irregularidades na

vida cristã, a exortação poderá constar de séria advertência, ou até de disciplina. Não havendo gravidade constará, apenas de simples admoestação. Mas o fim é sempre nobre e tem em vista o aperfeiçoamento espiritual.

O apóstolo Paulo, frequentemente, fazia uso do método da exortação, no pastoreio do seu rebanho.

No livro de Atos, encontramos este registro: "Havendo atravessado aquelas terras, fortalecendo-os com **muitas exortações**, dirigiu-se para a Grécia (At 20 2).

Escrevendo aos tessalonicenses, ele diz: **"Exortamos, consolamos e admoestamos**, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória" (I Ts 2.12).

Na Carta aos Hebreus, lemos o seguinte: "Rogo-vos ainda, irmãos, que suporteis a presente palavra de **exortação**" (Hb 13 22).

Escrevendo a Tito, o apóstolo é mais objetivo e usa de maior franqueza a ponto de estabelecer normas para o ministério da **exortação.** Assim está escrito: "Dize estas coisas; **exorta e repreende** também com toda a autoridade" (Tt 2.15). Vale a pena ler os primeiros 15 versículos deste capítulo. Todos eles estão vasados em linguagem admonitória, e apresentam mensagem adequada a todas as faixas etárias das ovelhas do seu rebanho.

Na Carta à Igreja de Corinto, Paulo faz esta declaração: "Escrevo estas coisas, estando ausente, para que, estando presente, não venha a usar de rigor segundo **a autoridade que o Senhor me conferiu para edificação,** e não para destruir" (II Co 13.10).

Sem nenhuma dúvida, aquele que exorta e admoesta exerce ascendência e **autoridade** sobre o que recebe o aconselhamento espiritual. Entretanto, a autoridade que ele exerce não provém dele, mas de Deus.

Aos crentes de Tessalônica, Paulo escreve esta pastoral: "Finalmente, irmãos, nós vos rogamos e **exortamos** no Senhor Jesus" (I Ts 4 1-2)

Em resumo, podemos afirmar que a exortação faz parte do ministério pastoral, a qual é exercida com **"toda autoridade"**, não própria, mas do Senhor. Por esta razão, o grande apóstolo faz recomendação aos ministros evangélicos de todos os tempos e em todos os lugares: **"O que exorta, faça-o com dedicação"** (Rm 12 8).

Quarto: INTERCEDER PELOS SANTOS

No Velho Testamento havia dois ministérios específicos: A Profecia e o Sacerdócio.

Os profetas falavam em nome de Deus ao povo: Eram os seus mensageiros. O apóstolo Pedro define a missão do profeta, nestes termos: "Temos assim tanto mais confirmada a **palavra profética**, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vossos corações; sabendo, primeiramente isto, que nenhuma **profecia** da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer **profecia** foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (II Pe 1.19-21).

Conforme estas declarações de Pedro, o profeta podia, com plena autoridade, proclamar aos ouvidos do povo, à semelhança de Jeremias: "**Assim diz o Senhor**" (Jr 2.2).

O sacerdote, ao contrário, falava em nome do povo perante Deus. E, diante do seu altar, oferecia sacrifícios cruentos pelos seus pecados, em preço de redenção. Leiamos esta passagem: "Do sangue da oferta pelo pecado espargirá sobre a parede do altar, e o restante do sangue fá-lo-á correr à base do altar: **é oferta pelo pecado.** E do outro fará holocausto, conforme o estabelecido; assim o sacerdote por ela fará oferta pelo pecado que cometeu, e **lhe será perdoado**" (Lv 5.9-10).

Há um registro no Novo Testamento, assaz elucidativo, que não queremos omitir: "Com efeito nos convinha um sumo sacerdote, assim como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores, e feito mais alto do que os céus, que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro por seus próprios pecados, depois pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu. Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre" (Hb 7.26-28).

O MINISTRO DO EVANGELHO, OU PASTOR, REÚNE AS DUAS FUNÇÕES E FALA AO POVO EM NOME DE DEUS, E FALA A DEUS A FAVOR DO POVO.

NO PRIMEIRO CASO, ELE PREGA E EXORTA: É PROFETA. NO SEGUNDO, ELE ORA E INTERCEDE: É SACERDOTE (Ap 1.6).

A intercessão ocupa lugar especial na vida religiosa do crente, notadamente, no ministério do pastor.

Escrevendo a Timóteo, Paulo faz esta insistente exortação: "Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, **intercessões**, ações de graças, em favor de todos os

homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito. Isto é bom e aceitável diante de Deus nosso Salvador" (I Tm 2.1-3).

Sem qualquer dúvida, os méritos da intercessão transcendem a nossa compreensão e, por isto, são incalculáveis.

Examinemos alguns quadros bíblicos a fim de sermos enriquecidos no conhecimento sobre este magno assunto — **a intercessão do pastor** — quando assume a função de sacerdote, no altar de Deus, a favor das ovelhas do rebanho que o Senhor lhe confiou.

Os acusadores de Jó — o sofredor — foram remidos de sua culpa, em face da **intercessão** do piedoso patriarca, por cujo intermédio Deus aceitou os holocaustos deles (Jó 42 8-9).

Ló foi contemplado pela graça da **intercessão** de Abraão, conforme se vê neste texto "E aconteceu que, destruindo Deus as cidades da campina, Deus se lembrou de Abrão, e tirou a Ló do meio da destruição, derribando aquelas cidades em que Ló habitara" (Gn 19 29) Esta referência diz respeito à **oração intercessora,** constante do capítulo anterior, especificamente a favor de Ló e sua família.

A intercessão não era negligenciada no ministério de Paulo. Frequentemente ele fazia uso dela a favor dos crentes do seu campo missionário. Vejamos esta passagem: "Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, **não cessamos de orar por vós**, e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda sabedoria e entendimento espiritual, a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando, em toda boa obra, e crescendo no pleno conhecimento de Deus" (Cl 1 9-10).

Aos crentes filipenses, Paulo faz referência às suas orações, nestes termos: "Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós, fazendo sempre com alegria **oração por vós** (intercessão) em todas as minhas súplicas" (Fl 1 3-4) E, na Carta aos tessalonicenses, ele faz esta declaração "Pelo que também **rogamos sempre por vós**, para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação e cumpra o desejo da sua bondade, e a obra da fé com poder" (II Ts 1 11).

Como não podia deixar de ser, nosso Senhor Jesus Cristo — "o Sumo Sacerdote da nossa confissão" — exerceu e continua exercendo, mais do que qualquer outro, **o ministério da intercessão.**

Isaías, o profeta messiânico, ao descrever

o quadro pungente da cruz, cerca de 700 anos antes do seu cumprimento, declara: "Ele levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercede" (Is 53.12).

Em sua Carta aos Romanos, Paulo declara que Jesus "**intercede por nós**" (Rm 8 34).

Na Epístola aos Hebreus, a respeito de Jesus, encontramos este registro. "Por isso também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, **vivendo sempre para interceder por eles**" (Hb 7 25)

E não podemos deixar de registrar a sua oração sacerdotal, na qual Ele faz vários pedidos ao Pai, **numa prece de intercessão** insistente e comovente, a favor da Igreja, através do tempo e do espaço.

Entre as várias súplicas, destacamos esta. "**Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra**" (Jo 17.20).

Como se observa, ainda hoje a Igreja tem o resguardo da graça protetora da intercessão de Jesus, o nosso Bem-amado Salvador. Antes mesmo desta oração intercessora, Jesus intercedeu a favor de Pedro e o livrou das garras de Satanás, conforme se vê nesta passagem: "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo. Eu, porém, **roguei** por

ti, para que a tua fé não desfaleça" (Lc 22.21-32)

O Espírito Santo também está integrado no ministério da intercessão, para proteção do rebanho de Jesus.

Em Rm 8.26, lemos: "Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito **intercede** por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis".

E, em Ef 6.18, também encontramos este precioso registro· "Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto **vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos**".

Moisés — o grande ministro de Deus — nos dá um exemplo magnífico, à semelhança de Cristo, no tocante à **intercessão** pelos pecados do povo, sob o seu comando.

Na rebelião de Coré, Datã e Abirã, em que muitos israelitas foram envolvidos, ele e o sumo sacerdote Arão — "se prostraram sobre os seus rostos e disseram: Ó Deus, Autor e Conservador de toda vida, acaso por pecar um só homem, indignar-te-ás contra toda esta congregação?" (Nm 16 22)

Depois, quando o Senhor mandou a praga

destruidora, em que milhares de israelitas pereceram — Moisés e Arão — se **prostraram e intercederam,** e queimaram incenso sobre o altar do Senhor, e a praga cessou (Nm 16 45-49).

De outra feita, quando o povo pecou, construindo para si um bezerro de ouro para adoração, Moisés **intercedeu ardentemente,** e pediu que o Senhor riscasse seu nome do seu livro, caso o povo não obtivesse o perdão (Nm 32 32).

Há uma passagem que não podemos omitir, nestas considerações, quanto ao valor da intercessão.

Trata-se de Jl 2 17, onde se lê· **"Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o pórtico e o altar, e orem: Poupa o teu povo, ó Senhor, e não entregues a tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárneo dele".**

O altar era o lugar dos sacrifícios, e o pórtico, o lugar de acesso ao templo, onde os penitentes que vinham adorar se aglomeravam, à espera de sua vez.

O povo estava em plena derrocada espiritual e, por isto, o profeta Joel — como embaixador de Deus — trouxe esta mensagem de despertamento.

A palavra de ordem do Altíssimo é esta:

"Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o altar e o pórtico, e orem" Como que a indicar uma indecisão angustiante — **sobre se deviam prostrar-se diante do altar para falar ao Senhor a favor do povo, ou se deviam pôr-se em pé, diante do pórtico, para falar ao povo, em nome do Senhor** — numa tentativa sobre-humana de socorro e de salvação!

Seja como for, os ministros que serviam no altar de Deus **deviam interceder, com efusão de amor e lágrimas,** pelo povo mergulhado no pecado. Deviam clamar ao Senhor, e dizer: **"Poupa o teu povo, Senhor".**

Isto é **intercessão,** no grau mais alto e mais sublime!

E o pastor evangélico não pode omitir-se neste ministério sagrado. É área prioritária na Seara do Mestre. É serviço sacerdotal, no secreto da comunhão com Deus. Diz a Bíblia que as orações dos santos **são guardadas, em taças de ouro,** na presença do Senhor (Ap 5.8).

Pastores: Orem pelo rebanho que Deus lhes confiou. Orem, com ações de graças, e clamem e intercedam, para complementação do seu ministério. E tornem suas. as palavras do profeta Samuel: "Quanto a mim, longe de mim que **eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós;** antes vos ensinarei o caminho bom e direito" (I Sm 12 23)

Encerrando este capítulo, convém lembrar as quatro áreas em que o pastor presta serviço, no desempenho do seu sagrado Ofício: **Ele é Pregador, Mestre, Exortador e Intercessor.**

E, ao longo deste caminho, a fim de alcançar os elevados objetivos de sua missão, **no serviço ministerial**, cada obreiro deve resguardar-se, no espírito da recomendação de Paulo· **"Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade"** (I Tm 2.15).

Capítulo IV

O SUSTENTO

Falar sobre sustento ou salário pastoral, nos meios evangélicos, é algo que assusta. Poucos são, na realidade, os membros ou líderes de igrejas que se atrevem a dar parecer favorável a um subsídio justo e honroso para o seu pastor, de modo que ele tenha condições de vida e relativo conforto, juntamente com a sua família. Por isto os próprios pastores, com raras exceções, fogem ao assunto que lhes parece assaz incômodo.

Os deveres sociais a que faz jus o seu elevado cargo, e a ascensão inflacionária do custo de vida — sem nenhum controle pelo mais hábil economista da máquina governamental — exigem, por parte das igrejas, melhor compreensão quanto ao sustento de seus pastores, a fim de que se mantenham com suficiência e relativa dignidade.

Certa vez na assembléia de uma igreja, quando se discutia uma proposta para reajustar o inflacionado salário de seu pastor, um dos seus membros — que se jactava de ser professor — declarou, com empáfia e azedume

"Nós pagamos muito bem aos nossos empregados" Ele se referia ao pastor e ao zelador, e se pronunciava contra o pretendido reajuste.

Aquele irmão, em que pese dizê-lo, estava totalmente errado. Embora o pastor tenha direito a salário, aliás autorizado por Deus, não é empregado da igreja na qual exerce o seu pastorado.

O Instituto da Previdência Social (hoje, INAMPS) criou uma lei específica para enquadrar os ministros de qualquer confissão religiosa, na categoria de "autônomos", sem vínculo empregatício. Portanto, pastor não é "empregado" de igreja, e igreja não é "patrão" de pastor Mesmo porque, dada a excelência do seu **ministério**, o pastor não exerce função subalterna mas, ao contrário, de liderança e chefia. A Bíblia atribui ao pastor o cargo de superintendente e a autoridade de **bispo** (At 20.28; Tt 1.7).

Embora seja esta a posição do pastor, tão mal compreendida pelos homens e sem o amparo da legislação trabalhista, ele não está desamparado porque, a seu favor, há uma legislação divina, admiravelmente generosa, que o protege e lhe dá plena garantia de subsistência.

Quando Deus chama um homem para o seu ministério, não só lhe faz a outorga da **unção vocacional** — que o credencia para realizar a missão sagrada que lhe está destinada — como também os meios necessários para sua manutenção e de sua distinta família.

Há uma lei irrevogável que ninguém tem o direito de postergar, fingindo desconhecê-la, a qual se acha em I Co 9.14, onde se lê· "**Assim ordenou o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho**" É uma ordem expressa para todos os ministros e todas as igrejas, que têm a responsabilidade de mantê-los.

Para melhor compreensão, estudemos o assunto à luz do Velho e do Novo Testamento. Assim, teremos uma visão panorâmica da doutrina, não deixando margem para dúvidas ou sofismas.

Primeiro: NO VELHO TESTAMENTO

Há, no Antigo Testamento, uma legislação específica a respeito do sustento dos ministros que serviam no altar de Deus, não só os sacerdotes como também os filhos da tribo de Levi.

Vejamos algumas dessas passagens, para melhor informação e elucidação.

Em Nm 18 21, lemos o seguinte: "**Aos filhos de Levi dei todos os dízimos em Israel por herança, pelo serviço que prestam, serviço da tenda da congregação**". E, um pouco mais

adiante, encontramos este registro: **"Porque os dízimos dos filhos de Israel, que oferecem ao Senhor em oferta alçada, tenho dado por herança aos levitas; porquanto eu lhes disse: No meio dos filhos de Israel nenhuma herança terão"** (v 24)

Além dos levitas, havia os sacerdotes que pertenciam à mesma tribo, e descendiam de Arão — o sumo sacerdote — escolhido por Deus, no tempo de Moisés. Sendo Arão e seus descendentes pertencentes à mesma tribo, estava preterido de ter posse na terra da promissão. Deus mesmo seria a sua herança, no meio dos filhos de Israel, conforme se vê nesta passagem **"Disse também o Senhor a Arão: Na tua terra herança nenhuma terás, e no meio deles nenhuma porção terás: Eu sou a tua porção e a tua herança, no meio dos filhos de Israel"** (Nm 18 20)

Pois bem. Para manter a essa elite sacerdotal e suas nobres famílias, Deus fez provisão honrosa e suficiente, através de uma lei humana e justa, que tinha **o resguardo de sua imutabilidade**, conforme Nm 18 19· **"Todas as ofertas sagradas, que os filhos de Israel oferecem ao Senhor, dei-as a ti, e a teus filhos e a tuas filhas contigo, por direito perpétuo; aliança perpétua de sal perante o Senhor é esta, para ti e para tua descendência contigo".**

Em Nm 18 26, encontramos este registro: "Quando receberdes os dízimos dos filhos de Israel, que deles vos tenho dado em vossa herança, deles oferecereis uma oferta alçada ao Senhor· **o dízimo dos dízimos"** E, no verso 28 do mesmo capítulo, vem o complemento· "Assim também apresentareis ao Senhor uma oferta de todos os vossos dízimos, que receberdes dos filhos de Israel, e deles dareis **a oferta do Senhor a Arão, o sacerdote".**

Como se percebe, este era — **o dízimo dos dízimos.**

Não se tratava dos dízimos do povo. **Era** o dízimo dos levitas, resultante dos dízimos que eles recebiam dos filhos de Israel — numa dizimação de classe — para manter, com dignidade, a grande família sacerdotal.

É digno de nota o fato de que Deus, ao referir-se ao dízimo levítico a favor dos sacerdotes, sempre o faz pondo em relevo a excelência da sua natureza.

Por exemplo encontramos, com frequência, expressões semelhantes a estas. **"oferta alçada ao Senhor"**, **"a santa parte"**, **"a melhor das dádivas"**, **"a plenitude"**, e assim por diante.

À luz destas passagens, aprendemos esta importante lição· Se o dízimo que os levitas recebiam do povo para o seu sustento era san-

to, muito mais o era o dízimo dos sacerdotes, que serviam ao Senhor com dedicação integral.

Portanto, o dízimo dos dízimos era, sem nenhuma dúvida, — **a maior expressão social e religiosa da contribuição, e o grau mais alto da doutrina e filosofia do dízimo.** Era, como já vimos, "a melhor das dádivas", a "plenitude".

Como se observa, à luz destas e de muitas outras passagens bíblicas, os ministros da Antiga Aliança tinham o sustento íntegro, garantido por uma legislação divina que lhes assegurava, sem nenhum humilhação, conforto e bem estar para eles e suas diletas famílias.

Segundo: NO NOVO TESTAMENTO

Os tempos mudaram. Mas a legislação que estabelece as garantias para o sustento dos Ministros — na dispensação da Nova Aliança — está vasada em termos convincentes e honrosos, pondo em destaque a dignidade e a suficiência dos seus salários.

Paulo, no uso de sua autoridade apostólica, escrevendo à igreja de Corinto, defende o direito de os pastores se alimentarem do altar — ao qual servem com dedicação integral — e o dever intransferível das igrejas, no sentido de promoverem os meios nececssários para o sustento material dos seus obreiros.

Além de muitos outros argumentos, ele faz a seguinte argüição: **"Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de contínuo estão junto do altar, participam do altar?** (I Co 9.13)

Cremos que todas as igrejas já estão conscientizadas quanto ao dever sagrado que têm de manter os seus pastores e, por isto, nas suas assembléias votam os seus vencimentos. Até aí, tudo bem.

O problema surge quando, numa assembléia, às vezes tão agitada que se prolonga até à meia noite, se discute o valor desse salário. Para muitos, pouco importa se a proposta que se discute é ou não suficiente para manter o pastor e sua família. O que pesa na balança, na exposição dos argumentos, é a **programação onerosa** para o ano entrante, tendo em vista os planos de construção e a expansão da obra missionária.

O pastor que se ajuste ao **salário desajustado,** a fim de que seja o exemplo de uma vida desprendida e disciplinada, num regime sacrificial de — "aperte o cinto" — sem levar em conta o fato de que o "cinto" já está prestes a arrebentar-se.

Nessas assembléias, geralmente, o pastor é muito humilhado, ao ouvir expressões levia-

nas e irreverentes. Às vezes, ao sair da assembléia em que seu salário foi "aumentado", já leva a resolução de pedir demissão do pastorado, tal foi o constrangimento por que passou com sua família, na presença de muitos irmãos que, também, participam das suas aflições.

Se há igrejas onde não existem estas coisas — e eu sei que as há — que se dêem por satisfeitas. Elas são dignas dos maiores encômios, porque estão dentro da realidade bíblica e do alto padrão do custo de vida. Parabéns a essas igrejas — aliás, bem poucas — e aos seus privilegiados pastores.

Se o pensamento de muitas igrejas, em relação ao salário pastoral, é assim deturpado e mesquinho, o pensamento de Deus é bem diferente, como passamos a demonstrar.

Escrevendo a Timóteo, Paulo faz a seguinte recomendação· "Devem ser considerados merecedores de **dobrada honra** os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino" (I Tm 5.17).

No original grego, a palavra traduzida por "honra" tem sentido de salário, isto é, de **honroso salário**.

Almeida foi muito fiel ao original e expressou, com clareza, a conotação morfológica

do contexto, que fala de salário. Assim está escrito: "**Não amordaces o boi, quando pisa o grão**". E ainda. "**O trabalhador é digno do seu salário**" (I Tm 5.18)

A trad. de Almeida R. e Atualizada, em relação à expressão — "dobrada honra" — traz uma nota de rodapé, à guisa de esclarecimento: "honra, ou **remuneração**".

O Novo Testamento na Linguagem de Hoje traz o texto com esta redação "**Merecem pagamento em dobro**".

Mc Nair, profundo conhecedor da língua grega, e notável exegeta do Novo Testamento, comentando o texto em foco, faz a seguinte advertência. Devemos notar o seguinte da palavra "honra" aqui, e em outros lugares. Evidentemente, significa **sustento em recompensa de bom serviço prestado**".

Como se observa, a idéia central do texto e do contexto, segundo os melhores tradutores e comentaristas, em relação à expressão — "dobrada honra" — é, realmente, salário.

Entretanto, convém notar que não se trata de salário comum, de salário pago a um trabalhador qualquer, a um mercenário. A grandeza do trabalho de um pastor não se paga com dinheiro.

O pastor, ao longo do seu ministério, leva aos pés de Jesus — centenas, quiçá, milhares de almas remidas e salvas. E o Senhor Jesus disse que uma alma **vale mais do que o mundo inteiro.**

Logo, não se pode aquilatar o preço do serviço do minsitro, prestado no altar de Deus, em termos de valor pecuniário. O salário do pastor, portanto, se reveste do cunho do sagrado e, por isto, é credor de "dobrada honra", segundo o texto em foco.

Em nossas pesquisas encontramos, numa Bíblia francesa, a seguinte tradução: "**honorários dobrados**", em lugar de "dobrada honra".

Sem nenhum dúvida, é a melhor tradução, a mais condizente com o texto e o contexto.

O vocábulo "honorário" tanto significa honra merecida, como pagamento por serviços prestados. O médico e o advogado, por exemplo, não recebem salário dos seus clientes pelos serviços que prestam. Contudo, recebem "honorários" Não há vínculo empregatício nessa prestação de serviços profissionais. Entretanto, há trabalho e honorário.

Semelhantemente, acontece com os ministros de Deus. Eles não recebem salário em termos trabalhistas, mas fazem jus — por lei divina — a honorários dobrados. Isto significa **dinheiro justo sem humilhação.**

Contribuir com dízimos e ofertas para sustento do pastor — é dever sagrado de toda Igreja e, consequentemetne, de todo crente.

Tratando sobre o assunto, Paulo argumenta com muita lógica, nos seguintes termos: "Quem jamais milita à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho" (I Co 9.7).

Além disto, é prova de gratidão e reconhemento. O argumento de Paulo aos coríntios é justo e convincente. Diz ele: "**Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?**" (I Co 9 11).

Aos crentes da Galácia, o apóstolo é mais objetivo e faz esta admoestação: "**O que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui**" (Gl 6.6).

A contribuição das igrejas — com dízimos e ofertas — para sustento dos pastores e suas famílias, com suas modestas mordomias, é tão preciosa que a Bíblia diz que é — "**como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus**" (Fl 4.18).

Esta é, em resumo, a legislação neotesta-

mentária a respeito da manutenção dos Ministros do Evangelho.

Legislação tão generosa quanto à do Velho Testamento, para sustento do sacerdócio levítico, às vezes, tão negligenciada e violentada por muitas igrejas.

Por falta de cumprimento por algumas igrejas, no tocante ao sustento pastoral, muitos pastores descambam para o secularismo, a fim de poderem sobreviver com os seus familiares.

Nos meus bons tempos de seminário e nos primórdios do meu ministério, ter "carreira dupla", como chamavam os obreiros da velha guarda, lá no Nordeste, era pecado imperdoável. Hoje, infelizmente, tudo mudou.

Na vigência do ministério levítico, Deus proibiu terminantemente que os sacerdotes tivessem qualquer atividade secular, e nem sequer lhes permitiu que tivessem **herança** na terra prometida, conforme tivemos oportunidade de observar. A esta altura, convém lembrar o texto clássico sobre este assunto: **"Assim também ordenou o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho"** (I Co 9 14).

Por outro lado, alguns pastores, sentindo-se injustiçados por suas igrejas, promovem

ação judicial contra as mesmas, reivindicando direitos sonegados.

Levar uma igreja às barras de um Tribunal profano, para defender direitos trabalhistas, é prática iníqua que a Bíblia condena veementemente, com pesadas verberações contra os infratores.

Vejamos o que Paulo escreveu sobre o assunto· "Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-la a juízo perante os injustos e não perante os santos? Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois acaso indignos de julgar as coisas mínimas. Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos; quanto mais as coisas desta vida. Entretanto, vós, quando tendes a julgar negócios terrenos, constituís um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja! Para vergonha vo-lo digo. Não há, porventura, nem ao menos um sábio entre vós, que possa julgar no meio da irmandade? Mas irá um irmão a juízo contra outro irmão, e isto perante incrédulos? O só existir demandas já é completa derrota para vós outros. Por que não sofreis antes o dano? Mas vós mesmos fazeis a injustiça e fazeis o dano, e isto aos próprios irmãos" (I Co 6.1-8)

Esta passagem, por sua clareza, dispensa comentário.

Ao Ministro do Evangelho é vedado o direito de levar sua igreja a juízo, em demanda judicial, quaisquer que hajam sido os danos por ela causados. Qualquer problema desta natureza deverá ser julgado pela assembléia da própria igreja. E o que sobrar, no tocante a injustiças, deve ser conduzido aos pés do Senhor. A Ele compete o julgamento com imparcialidade e justiça.

Cremos que Deus sustenta os seus obreiros, que vivem com dedicação integral, apesar da negligência e incompreensão de muitas igrejas. Quando estas falham, Deus vem ao encontro.

Vejo, no caso de Elias, um exemplo clássico!

No afã do seu ministério, em meio à terrível perseguição da ímpia Jezabel, Elias fugiu e se escondeu junto ao ribeiro de Querite, e Deus ordenou aos corvos que o sustentassem. De modo que, pela manhã e à tarde, os corvos lhe traziam **pão e carne.**

Depois, o Senhor dispensou o serviço dos corvos, e ordenou à viúva pobre de Sarepta que fornecesse pensão ao seu profeta.

Passados muitos dias a viúva também foi dispensada, e Deus enviou um anjo para cuidar do seu servo fiel.

Assim está escrito: "Temendo, pois, Elias, levantou-se e, para salvar sua vida, se foi e

chegou a Berseba, que pertence a Judá; e ali deixou o seu moço. Ele mesmo, porém, se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio e se assentou debaixo de um zimbro; e pedia para si a morte, e disse: Basta; toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais. Deitou-se, e dormia debaixo do zimbro, **eis que um anjo o tocou, e lhe disse: Levanta-te e come.** Olhou ele e viu, junto à cabeceira, um pão cozido sobre pedras em brasa, e uma botija de água. Comeu, bebeu, e tornou a dormir Voltou segunda vez o anjo do Senhor, tocou-o e lhe disse: Levanta-te e come, porque o caminho te será sobremodo longo. Levantou-se, pois, comeu e bebeu; e com a força daquela comida caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus" (I Rs 19.3-8).

Quando um pastor se dedica ao Senhor com tempo integral, Deus mesmo faz provisão para o seu sustento, muito além de sua expectativa. Foi o que aconteceu com o profeta Elias, e poderá acontecer com qualquer de nós. Os processos usados por Deus podem variar, mas a provisão é certa.

Vale a pena deixar qualquer emprego, mesmo em forma de **"bico"**, no desempenho do Santo Ministério, e fazer uma experiência com Deus, servindo no seu altar com **dedicação** e exclusividade.

Atentemos bem para a grave advertência de Paulo, ao jovem ministro Timóteo: "**Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar Àquele que o alistou para a guerra. E, se alguém também milita, não é coroado se não militar legitimamente**" (II Tm 2.4-5).

Capítulo V

A ÉTICA

Toda profissão, seja qual for, e toda classe organizada têm a sua ética, a sua deontologia. E a classe ministerial, dada a sua excelência, não foge a esta regra.

A deontologia, a moral e a ética, às vezes, se misturam e se tornam a mesma coisa.

A ética é a parte da Filosofia que trata dos princípios normativos de uma classe, do ponto de vista da moral.

Noutras palavras, é a ciência das boas maneiras, dos bons costumes. Ela estabelece normas que orientam o homem nas suas relações sociais, no desempenho da função que exerce.

Isto diz respeito à compostura, à maneira de conduzir-se entre o povo, onde exerce função profissional. E, de um modo especial, abrange o relacionamento entre os colegas da mesma classe.

Alguém já disse que a ética é a "parte da filosofia que estuda os valores morais e os princípios ideais da conduta humana".

Fugir à ética, no Ministério Evangélico, é ato deselegante e falha indesculpável. Noutras palavras, é ser deseducado.

E o Ministro de Cristo, em face de sua formação moral, e sua cultura intelectual, não pode deixar de ser cavalheiro, de acordo com a deontologia da classe.

Feitas estas considerações preliminares, passemos ao assunto em foco, o qual, apesar de sua delicadeza, se nos afigura um tema relevante.

O que se registra e se aconselha, neste capítulo específico, é fruto da experiência de 47 anos de ministério efetivo, com tempo integral. Não temos a pretensão de ensinar aos ilustres ministros, espalhados pelo Brasil afora, a ciência das boas maneiras ou a prática dos bons costumes.

Nossa palavra é dirigida, especialmente, para os jovens que se preparam para ingressar no Santo Ministério, numa época em que os alicerces da estrutura social se abalam, e os valores morais e éticos se transtornam e se desfazem. Para estes é que escrevemos!

Também escrevemos para os que se acham desajustados, na grande Classe de Ministros, a fim de que se reergam pelo processo de conscientização, em busca do melhor para sua

classe, para o povo que dirige e, sobre tudo, para a glória de Deus.

Com este objetivo, em linguagem clara e com a melhor das intenções, passamos a expor algumas normas éticas que devem acompanhar os Ministros do Evangelho.

Conserve a Boa Aparência

Cuide bem do seu corpo e de sua saúde. Guarde bem as coisas de Deus, em um corpo são e mente sã. Um corpo sem saúde se torna frágil e desfigurado. E, consequentemente, sem boa aparência.

Evite o trabalho em demasia, sem controle, além da resistência física. O excesso de trabalho, em meio à agitação desenfreada dos tempos modernos, pode causar-lhe grandes males.

O temível "stress", tão comum nos meios intelectuais, poderá atingí-lo de cheio e, neste caso, além de você perder sua forma física, seu ministério sofrerá detrimento. O desgaste físico traz, inevitavelmente, desgaste ministerial. Não se exceda, seja comedido no serviço de Deus.

Faça a barba pela manhã, antes ou depois da oração. A ordem não faz diferença, contanto que não deixe de barbear-se.

Não negligencie o tratamento de seus dentes. O povo não suporta um Pastor **desdentado** (banguelo) e, além do mais, a pronúncia das palavras se torna defectiva. Deus requer e merece o melhor que lhe podemos oferecer A dentadura perfeita dá elegância e segurança ao pregador!

Não deixe seu corpo exalar **"mau cheiro"** por falta de banho. O Senhor recomenda que devemos serví-lo com — **"o corpo lavado com água limpa"** (Hb 10 22) No livro de Números, encontramos esta recomendação: "Também **lavareis as vossas vestes, para que fiqueis limpos" (Nm 31 24)**. Muitos pastores, lamentavelmente, não obedecendo a estes preceitos bíblicos, carregam sobre seus ombros uma camada de fragmentos de caspa, caídos dos cabelos mal lavados e, às vezes, mal penteados. Isto depõe da dignidade do cargo de Pastor E o povo que tudo censura, certamente, não perdoará.

Traje bem, mas sem afetação. O Pastor em tudo deve ser comedido, inclusive no traje. No Velho Testamento, Deus prescreveu leis específicas a respeito das vestes sacerdotais. Vejamos algumas delas. "Vestirá ele a túnica santa de linho, e terá ceroulas sobre a sua carne, e cingir-se-á com um cinto de linho, e se cobrirá com uma mitra de linho; **estes são**

os vestidos santos; por isso banhará a sua carne na água, e os vestirá" (Lv 16.4)

Isto revela que Deus tem zelo pelos seus pastores, e quer vê-los com boa aparência e decentemente trajados.

Quando você fizer uma roupa, fale com o alfaiate para fazer as calças nos moldes tradicionais, isto é, tendo a base da perna esquerda mais larga do que a outra. Assim você ficará decentemente trajado, não dando margem — diante das pessoas e dos auditórios — para críticas ou comentários ao sabor da malícia de cada um.

Se você não atender bem para este detalhe, na composição de seus uniformes, certamente estará se expondo ao ridículo, usando uma roupa **indecorosa**, no serviço do altar de Deus.

Tome cuidado com o uso de gravatas. Evite sempre as de cores berrantes, que deixam a impressão de exibição ou afetação. Elas distoam da compostura do pastor, e dão margem a censuras. Uns acham que é vaidade. E outros pensam que é falta de "linha" e de bom gosto. Evite estas coisas. Dê preferência a gravatas discretas, sempre de acordo com a roupa que estiver usando, como cavalheiro elegante.

Tome cuidado com os seus sapatos. Sapa-

tos sujos falam de relaxamento e representam mal o Ministro de Deus. Dê combate —sem trégua à sujeira, inclusive nos seus sapatos.

Na Revista "Seleções", saiu um importante artigo sobre **"sapatos limpos"**, que bem nos pode ajudar nesta recomendação. O articulista, entre muitas outras coisas, citava uma Firma Norte Americana que abrira concorrência pública para admissão de empregados, no seu Estabelecimento Comercial.

Pois bem. A eliminatória estabelecida pelo grande homem de Empresa, para os muitos candidatos que aparecessem, era — **"sapatos limpos e brilhantes**, e gravatas bem arrumadas no colarinho".

Aquele que não preenchesse estas condições, logo na recepção, seria dispensado. Portanto, meu companheiro — na "Peleja Sagrada" — conserve sempre seus sapatos sem sujeiras, bem limpos e bem engraxados.

Tenha Linguagem Sã

O Pastor, que tem a experiência da regeneração e santificação, além dos cuidados em relação ao seu corpo, deve ter — **linguagem sã** — ungida e santificada pelo Espírito Santo.

Escrevendo à igreja de Éfeso, Paulo recomenda que não haja entre eles — **"nem conversação torpe, nem palavras vãs, ou chocarrices, coisas essas inconvenientes, antes, pelo contrário, ações de graças"** (Ef 5.4).

Se ao crente comum, leviandades na linguagem desta espécie são totalmente proibidas, que dizermos em relação aos ministros de Deus, que têm o dever sagrado de ser — **"padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento e na pureza"** (I Tm 4.12).

O Pastor evangélico, em face das muitas advertências da Palavra de Deus, não deve contar — "piadas" — irreverentes, que envolvam coisas sagradas e, especialmente, o nome de Deus, três vezes santo.

O terceiro mandamento traz uma advertência que inspira temor, o qual está vasado nos seguintes termos: **"Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão"** (Ex 20.7).

O apóstolo Paulo, escrevendo aos efésios, contrasta a conduta dos filhos da luz com o comportamento dos filhos das trevas, não só nos atos mas também nas palavras, nestes termos: "E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai--as. Porque o que eles fazem em oculto, **o só referir é vergonha"** (Ef 5 11-12)

Em Cl 4.6, encontramos o seguinte registro: "A vossa palavra seja sempre agradável, **temperada com sal,** para saberdes como deveis responder a cada um".

Falando aos discípulos, o Senhor Jesus disse: "**Tende sal em vós mesmos**" (Mc 9.50). Esta metáfora significa linguagem sã, pura, compatível com a dignidade do Evangelho.

Convém lembrar a exortação de Paulo aos crentes de Éfeso: "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe e, sim, unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça (graça divina) aos que ouvem" (4 29)

O Pastor não deve fazer uso de **linguagem vulgar.** A gíria, com raras exceções, deturpa a fala e, por isto, é desaconselhável. O Ministro, como embaixador de Deus, deve ter linguagem sã, elevada e correta. O palavrão, sob nenhum pretexto, deve macular a boca do pregador.

Encerrando esta parte, observemos a denúncia de Tiago. "Se alguém supõe ser religioso, **deixando de refrear a sua língua,** antes enganando o próprio coração, a sua religião é vã" (Tg 1.26).

Fale Sempre a Verdade

O Pastor quando mente, ou melhor dizendo, quando vive mentindo — em que pese dizê-lo — perde a sua condição de pastor vocacionado por Deus, e passa a ser um pastor "**biônico**", um oportunista.

Nada justifica a mentira nos lábios de um crente, especialmente, quando se trata de Ministro do Evangelho. Quando um pastor falta com a verdade, e mente com reincidência, perde a credibilidade perante o rebanho e, consequentemente, a força moral. E, além disto, passa a ter dramas de consciência em relação a Deus, na vivência de comunhão, no Espírito.

As chamadas mentiras "brancas" ou "amarelas" não passam de uma farsa, e merecem o repúdio dos filhos de Deus. São meros sofismas forjados pelo "pai da mentira", para embotar a consciência cristã.

Paulo recomenda que os diáconos não devem ter "**língua dobre**", isto é, que sejam — "**de uma só palavra**" (I Tm 3 8). Os Ministros, sem nenhuma dúvida, são contemplados nesta recomendação proibitiva.

Falando aos discípulos, o Senhor Jesus fez esta admoestação: "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto **é de procedência maligna**" (Mt 5 37)

O sábio Salomão, sob inspiração divina, escreveu esta advertência: "**A testemunha ver-**

dadeira livra almas, mas o que se desboca em mentiras é enganador" (Pv 14 25).

A Bíblia diz que Deus aborrece a **"língua mentirosa"** (Pv 6.16-17). E mais: "O que profere mentiras não escapa" (Pv 19.5).

Escrevendo aos crentes de Éfeso, Paulo fez esta recomendação: "Pelo que **deixai a mentira, e falai a verdade** cada um com o seu próximo (Ef 4.25).

Ministros de todo o Brasil, sem cor denominacional, atentai bem para esta palavra de ordem, emanada do Altíssimo: "Eis as coisas que deveis fazer· FALAI A VERDADE CADA UM COM O SEU PRÓXIMO, EXECUTAI JUÍZO, EXECUTAI JUÍZO NAS VOSSAS PORTAS SEGUNDO A VERDADE, A FAVOR DA PAZ" (Zc 8 16)

Fugir a essas normas bíblicas, é de todo desaconselhável porque — "Nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade" (II Co 13.8)

Não Faça Dívidas

Há uma recomendação expressa, na Palavra de Deus, que o pastor não deve desprezar nem subestimar, que é a seguinte· "A ninguém **devais coisa alguma,** a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros" (Rm 13.8).

Este versículo é claro e objetivo. Condena, sem rodeios, contrair dívidas — de modo generalizado — sem explicações exceptivas.

Vivemos numa época em que os créditos são franqueados e as dívidas estimuladas pelas Casas Comerciais e pelas Financeiras, que oferecem facilidades nos pagamentos e crédito na hora. E, atraídos pelo fascínio das ofertas, muitos pastores fazem dívidas além de suas possibilidades financeiras.

Entretanto, nas datas de vencimento, não podendo saldar os compromissos, apelam para outras fontes e fazem outros financiamentos para atender às suas necessidades. Às vezes, pessoas do próprio rebanho e de sua intimidade se compadecem do pastor e lhe fazem outros empréstimos. Então, as dívidas aumentam!

Nesta situação vexatória e incômoda o Pastor apela para os "vales" (que não valem), contra o tesoureiro da igreja. Então se cumpre o que alguém já disse, com muita precisão: **"O abuso do crédito conduz à bancarrota".**

De acordo com o texto citado, linhas atrás, ao Pastor é vedado o direito de contrair **dívidas insolventes.** É melhor **"apertar"** o cinto do que **"afrouxar"** o caráter.

Salomão nos dá um sábio conselho: "Não estejas entre os que se comprometem e ficam

por fiadores de **dívidas**, pois se não tens com pagar, por que arriscas perder a cama de debaixo de ti?" (Pv 22.26-27)

Transcrevo, data venia, do livro — Fatos e Doutrinas — de autoria do Rev. Synesio Lyra: "Nenhum homem é inteiramente independente no púlpito, se tem na sua frente certo número de credores. É fácil, de modo geral, evitar-se a dívida, e quando se compreende que esta é a regra do Pastor, influirá beneficamente, no sentido de ser pago, pontualmente, o seu subsídio. O povo respeitará tal proceder em seu ministro. Será bom formar o hábito, desde o começo de seu ministério de nunca contrair dívidas. Não há dúvida que, para manter esta linha de vida, o Pastor tem de revestir-se, não poucas vezes, do espírito de completa renúncia".

O certo é não contrair dívidas que estejam além do orçamento doméstico. A vida modesta e tranquila, sem credores a bater à porta para cobrança, com juros e correção monetária, é bem melhor!

Convém adotar a filosofia controladora de Paulo, e seguir o seu admirável exemplo de abnegação pessoal e equilíbrio financeiro: "Porque nada temos trazido para este mundo, nem coisa alguma podemos levar dele; **tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes.** Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores" (I Tm 6.7-8,10).

Não Aceite Suborno

Satanás é astuto, e suas armadilhas sempre são camufladas. Nas suas tentações, ele sempre oculta as coisas feias e danosas, e apresenta — com muita sutileza — coisas boas e atrativos fascinantes.

Eva, lá no Éden, foi assediada pela serpente tentadora, a qual lhe ofereceu — "**árvore boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento**" (Gn 3.6).

Pois bem: Uma das astúcias de Satanás para induzir a desvios morais os Ministros de Deus é o **suborno.** Tanto é assim que o Senhor ao indicar os deveres dos juízes de Israel, prescreveu o seguinte: "**Também suborno não aceitarás, porque o suborno cega até o perspicaz, e perverte as palavras dos justos**" (Ex 23.8).

Os filhos de Samuel, elevados à posição de juízes, caíram no laço do diabo e conspurcaram o seu ministério. A seu respeito encontramos este registro: "Porém seus filhos não andaram pelo caminho dele (Samuel); antes

se inclinaram à avareza, e **aceitaram subornos** e perverteram o direito" (I Sm 8.3).

Entretanto, a respeito de Samuel — juiz e profeta — encontramos um comportamento exemplar, digno de ser imitado por todos, conforme o seu testemunho em forma de desafio· "Eis-me aqui, testemunhai contra mim perante o Senhor, e perante o seu ungido: De quem tomei o boi? de quem tomei o jumento? a quem oprimi? e das mãos de quem **aceitei o suborno para encobrir com ele os meus olhos? e vo-lo restituirei.** Então responderam: Em nada nos oprimiste, nem tomaste coisa alguma da mão de ninguém" (I Sm 12 3-4).

Nada mais temos a acrescentar, em face da clareza das advertências da Palavra de Deus.

Que os Pastores estejam devidamente precavidos contra qualquer tentativa de suborno — por quem quer que seja — ainda que a oferta seja fascinante e tentadora.

Cuidado Com As Visitas

Há pastores que dispensam atenção especial ao serviço de visitação, e chegam até a considerá-lo como um ministério ou parte de suas atividades pastorais.

Não queremos subestimar o valor das visitas do pastor e, muito menos, combatê-las.

Entretanto, lembramos o que Tiago escreveu a respeito do assunto: "A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: **Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações**, e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo" (Tg 1.27).

Quanto ao dever da visitação domiciliar às viúvas, lembramos o que está escrito no livro de Atos: "Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos **consagraremos à oração e ao ministério da palavra**" (At 6.1-4).

Como se observa, o serviço de visitas está afeto diretamente aos diáconos da igreja, inclusive a responsabilidade da assistência social.

Portanto, quando os Pastores não fazem visitas, porque o tempo não lhes permite ou por qualquer outro motivo, não devem merecer críticas do rebanho, porque este é um serviço específico dos diáconos. Aos Pastores com-

pete **dedicar-se à oração e ao ministério da Palavra.**

Por outro lado, se o Pastor gosta de fazer visitas, e dispõe de tempo para fazê-las, tudo bem. Os crentes também gostam de receber visitas do seu Pastor. Mas,há normas de comportamento que devem ser observadas, a bem da igreja e do próprio Pastor.

Observemos algumas delas.

Não faça visitas com muita frequência, mesmo gostando imensamente da família, salvo quando se tratar de doença. As visitas frequentes atrapalham a família nos afazeres domésticos e, por isto, deixam de ser desejadas. Noutras palavras, o Pastor deixa de ser bem-vindo!

Neste particular, há importante advertência na Palavra de Deus, que deve ser lembrada: "Não sejas frequente na casa do teu próximo, para que não se enfade de ti, e te aborreça" (Pv 25.17).

Não faça visitas quando o chefe da casa estiver ausente, especialmente quando se trata de mulher jovem, a menos que esteja acompanhado de sua esposa.

Se, porém, você não for casado, faça suas visitas com um oficial da igreja, de preferência, quando o dono da casa estiver presente. Ele também precisa ser visitado.

Se esta norma não for observada, podem surgir comentários maliciosos dos vizinhos e, também, dos crentes da igreja.

Às vezes, os comentários procedem e o pastor, quando menos espera, está envolvido em graves problemas morais. Então, o escândalo vem à tona, com fúria infernal, para gáudio do inimigo e vergonha do Evangelho!

Sou testemunha — lamento em dizê-lo — de alguns casos desta natureza!

Outras vezes, o Pastor visita para fazer política de auto-promoção e, neste caso, formam-se partidos dentro da igreja. Esta prática além de não ser ética, é anticristã.

O Pastor evangélico não precisa lançar mão desse meio escuso para se manter na igreja que pastoreia. Ao Senhor da Seara compete sua permanência no pastorado ou remoção para outro campo, que pode ser maior ou menor e menos confortável.

Outra vez, damos o grito de alerta: **Cuidado com as visitas!**

Saiba Entrar Numa Igreja

Você não precisa fazer política para assu-

mir o pastorado de uma igreja (Outra vez, batemos na mesma tecla).

Ao deixar o Seminário, espere que o convite lhe chegue às mãos, por determinação divina, e assentimento voluntário da igreja. Aprenda a confiar em Deus, logo no início do seu ministério.

A Seara é do Senhor Jesus, e os obreiros lhe pertencem. Ele cuida dos seus servos, e o seu comando não deve ser subestimado e, muito menos, recusado. A Bíblia diz: "Aquele que crer não se apresse" (Is 28.16).

Mas se você já é Pastor, e quer mudar de pastorado — **não faça trabalho de sapa** — para derrubar o colega da igreja que você deseja pastorear.

Este procedimento é desairoso e descaridoso. É expressa manifestação de inveja, a qual a Bíblia condena. Não faça assédio a nenhum colega para destituí-lo do pastorado, a fim de apoderar-se do mesmo.

Isto é um assalto abominável, que merece veemente repúdio!

De fato você, de posse do pastorado dele, poderá ter salário melhor, maior mordomia e mais projeção social. Entretanto, não se esqueça de que o seu Senhor — que também é Senhor dele — poderá cobrar isto de você.

Neste caso, você teria um pastorado fracassado e, o que é mais grave, a sua verberação.

Não deixe que Satanás ponha no seu coração a cobiça do pastorado do seu colega mais velho, mais experimentado e mais sofrido. Deixe-o onde está! Sua remoção ou transferência pertence a Jesus, e **não a você.**

Entre numa igreja, para assumir o pastorado, de viseira erguida e sem drama de consciência. Entre com um convite honroso, com lisura e sem política.

Entre pela porta da frente, com honradez, como um homem de Deus, humilde e obediente à sua vontade soberana.

Entre com a Bíblia na mão, disposto a pregar a mensagem que ela contém e a cumprir os seus preceitos. E Deus abençoará o seu pastorado!

Saiba Sair de Uma Igreja

Quando você sentir que deve deixar o pastorado da igreja que Deus lhe confiou — para o seu bem e para o bem da própria igreja —, saia antes que seja tarde demais. Tenha uma saída honrosa, sem violência e sem fugir à ética ministerial.

Se houver, no meio da comunidade, partido de oposição, mantenha equidistância e

não divida a igreja. Se a divisão for inevitável, que você não seja o responsável. O partidarismo é carnal (I Co 3 3-4), e Deus quer que haja — no meio do seu povo — **"a unidade do Espírito pelo vínculo da paz"** (Ef 4 3).

Você, na qualidade de timoneiro espiritual da igreja, não deve ser parcialista e, nesta condição, não pode tomar partido. E, antes que a situação arruíne e se torne insustentável, peça renúncia ao pastorado em caráter irrevogável, ainda que não tenha outro pastorado em vista. Deus, sem nenhuma dúvida, lhe fará provisão de um novo campo, porque — **"No monte do Senhor se proverá** (Gn 22.14).

Quando você deixar o pastorado de uma igreja, saia com nobreza de espírito e consciência tranquila. Não deixe inimizades nem intrigas. Não leve ódios nem ressentimentos contra quem quer que seja.

Durante o seu pastorado, você assomou à tribuna sagrada para pregar a doutrina do perdão, a graça da reconciliação em Cristo, e a sublime virtude do amor, o qual — segundo diz a Bíblia — **"é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi outorgado"** (Rm 5 5).

Como, agora, poderia agir de modo diferente? Seria mau testemunho e, para muitos, motivo de escândalo.

O Pastor evangélico tem de ser cristão autêntico e, segundo a admoestação de Paulo — **"padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza"** (I Tm 4.12).

Se você souber entrar no pastorado de uma igreja, sem violentar direitos de terceiros e sem conspurcar a ética pastoral, e se conseguir deixar esse pastorado — sem malquerenças e sem odiosidades — você terá deixado **rastros luminosos** do seu pastorado e, por isto, Deus será glorificado.

Você levará tranquilidade na sua consciência esclarecida, e deixará paz e compreensão na comunidade onde, pela mercê de Deus, exerceu o seu abençoado pastorado!

Não Fale Mal dos Colegas

Tiago, o escritor sacro que defendeu o o Cristianismo positivo, isto é, — a moral cristã em termos de boas obras — fez esta exortação, que é de grave advertência: "Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Aquele que fala mal do irmão, ou julga a seu irmão, fala mal da lei, e julga a lei; ora, se julgas a lei, não és observador da lei, mas juiz" (Tg 4.11)

Se isto é verdade em relação ao crente comum, muito mais o é quando se trata de Ministro do Evangelho, que tem maior conhecimento bíblico e, consequentemente, maior

parcela de responsabilidade perante Deus e diante da igreja.

Falar mal dos colegas de Ministério é anti--ético e anti-bíblico, e cria situações embaraçosas para o próprio ministro.

Tratando a respeito deste assunto, o salmista Asafe nos adverte com este depoimento: "Soltas a tua boca para o mal, e a tua língua trama enganos. Sentas-te para falar contra teu irmão, e difamas o filho de tua mãe. Tens feito estas coisas, e eu me calei; pensavas que eu era teu igual: mas **eu te argüirei e porei tudo à tua vista**" (Sl 50 19-21).

Transcrevo, data venia, do livro — O Bom Pastor — a seguinte recomendação· "O Ministro deve dar toda honra possível aos seus colegas, **nunca falando mal de qualquer deles,** principalmente daquele que o antecedeu no pastorado".

Esta exortação é válida, e está vasada em princípios cristãos e éticos. Além do mais, refrear a língua é prova de auto-controle e de uma vida espiritual equilibrada.

Tiago, escrevendo sobre a fraqueza humana, no tocante ao uso da língua, diz o seguinte: "Com ela bendizemos ao Senhor e Pai; também com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus: de uma boca

procede bênção e maldição. Meus irmãos, **não é conveniente que estas coisas sejam assim"** (Tg 3.9-10)

Por fim, queremos lembrar as palavras autorizadas do apóstolo Pedro, as quais servem de normas de comportamento para o Pastor — no relacionamento com os colegas e com o próprio rebanho — conforme se vê nesta passagem: "Quem quer amar a vida e ver dias felizes, refreie a sua língua do mal e evite que os seus lábios falem dolosamente, aparte-se do mal, pratique o que é bom, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la" (I Pe 3 10-11).

Não Seja Negligente

Negligência é desídia, é inércia, é relaxamento no que diz respeito aos compromissos sociais e profissionais, deixando de cumprí-los conforme o que foi estabelecido ou combinado. E o Pastor, pela posição de liderança que ocupa, não pode ser relapso ou faltoso nos compromissos que assume com o rebanho, ou mesmo com o público em geral.

A incúria no Ministro do Evangelho é imperdoável, pois ele tem o dever de ser cioso nas suas obrigações, assumidas com o empenho de sua palavra.

A palavra do homem representa a sua personalidade, e reflete o seu caráter. O homem

que não tem caráter, não tem palavra. E o que não tem palavra, **ipso facto**, não tem caráter.

O hábito de chegar atrasado nas reuniões — seja de sua igreja, de outras igrejas, ou de qualquer entidade religiosa — além de ser censurável, expõe o ministro a chacotas, ao ridículo.

Somente motivos bastante fortes podem justificar e eximir o Pastor da parcela de culpa pela quebra de trato, pela reincidência de atraso, ou por qualquer negligência no exercício de suas funções pastorais ou pessoais.

A pontualidade faz parte da ética pastoral, e não pode ser descurada sem desgaste moral.

A Bíblia é exuberante em advertência e exortações contra a procrastinação ou falhas no cumprimento dos deveres, no que diz respeito aos compromissos assumidos.

Em Rm 12.11, encontramos esta oportuna admoestação. "**No zelo não sejais remissos: Sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor**".

No livro de Esdras, 4 22, lemos o seguinte: "Guardai-vos, **não sejais remissos nestas coisas**".

O sábio Salomão, sob a iluminação do

Espírito Santo, escreveu esta séria advertência: "Quem é **negligente** na sua obra já é irmão do **desperdiçador**" (Pv 18 9).

As grandezas da Seara do Senhor Jesus, na qual — sorrindo ou chorando — trabalhamos, plantamos e colhemos, a excelência do Santo Ministério de origem divina e finalidades celestes — devem levar os obreiros de Deus e serem cônscios de suas responsabilidades, servindo com denodo, sem falhas nem claudicação.

Finalmente, para que nenhum obreiro peque por ignorar o quanto Deus abomina a negligência, no seu Trabalho, vejamos esta veemente verberação: "**Maldito** aquele que fizer a obra do Senhor **relaxadamente**"' (Jr 48 10).

Convém repetir· **Não seja negligente!**

Presida Com Diligência

Encerrando este capítulo sobre ética ministerial, no qual foram apresentados pontos curiais como normas de comportamento do pastor, queremos aduzir mais este de relevante importância, o qual — para maior sustentação — traz o respaldo da Palavra de Deus.

Escrevendo aos crentes da Igreja de Roma, sobre os dons do Espírito, Paulo inclui o

dom de **presidir**, o qual vem acompanhado desta advertência: "O que preside (faça-o), com **diligência**" (Rm 12.8).

A Trad. de Almeida Revista e Corrigida, no lugar de diligência traz a palavra **cuidado.** Figueiredo, no entanto, na tradução do mesmo texto, emprega o vocábulo **vigilância**, quando se refere aos dons do Espírito a favor daqueles que presidem, no Senhor.

Como se percebe, a presidência de uma assembléia de igreja, ou de convenção, ou de concílio, ou mesmo de uma simples comissão, exige muito daquele que a exerce. Trata-se de uma posição relevante de grande responsabilidade, através da qual o rumo das coisas pode tomar direções diferentes, para o bem ou para o mal, dependendo da orientação presidencial, que centraliza o poder em suas mãos, à frente da assembléia que dirige.

Os vocábulos usados pelos tradutores, numa tentativa de maior fidelidade ao texto original, provam a magnitude do cargo de **presidente**, e a responsabilidade que o mesmo acarreta.

Vê-se, com clareza, que o presidente de uma assembléia eclesiástica, além das qualidades morais de que não pode prescindir, deve ter a unção do Espírito, que lhe concede a

graça vocacional e a capacidade para o exercício de sua nobre missão.

Ser presidente, portanto, quando a assembléia não erra na sua eleição, é ser vocacionado e credenciado por Deus, para o desempenho de uma tarefa relevante, no contexto da igreja.

As responsabiidades do presidente são imensas, e as suas palavras e atitudes, à frente da mesa moderadora, são medidas e pesadas na balança do Senhor (Dn 5.27).

O presidente, dada a sua eminente posição, diante de Deus e diante dos homens, deve ter vida íntegra, caráter ilibado, e bom testemunho dentro e fora da igreja.

Quando no exercício de sua função, suas palavras não devem ser dúbias, porém, claras e objetivas, sem sofismas e sem artimanhas ou tergiversação.

Sob nenhum pretexto, o presidente deve chegar ao extremo de **torcer a verdade** para conseguir seus objetivos. De igual modo, não pode agir com parcialismo, no encaminhamento dos assuntos à casa ou na discussão dos mesmos. Seu dever é orientar a assembléia, sem tomar partido e sem fazer ameaças ou coação.

Aos membros deve ser assegurada a liberdade de falar e discutir, dentro da ordem e da

ética regimental e cristã, sem qualquer discriminação.

Quando a ordem faltar, compete ao presidente mantê-la com plena autoridade, mas sem desdouro e sem prepotência (Zc 4 6)

Se o presidente sente que deve discutir o assunto em pauta — num gesto de ética e lisura — deve passar a direção da mesa ao vice-presidente, a fim de que participe da discussão no mesmo pé de igualdade, sem exercer influência ou pressão de qualquer espécie, por excesso de autoridade.

O presidente — para não perder sua compostura — deve ter respeito às leis, temor a Deus e amor à verdade.

Pilatos, por desconhecer a verdade (Jo 18.38), tripudiou sobre a lei, e cometeu a maior aberração jurídica da História, na presidência do tribunal, no lugar chamado **Gábata**, onde — pasmem os céus — o Senhor Jesus foi injustametne humilhado, com toda espécie de escárnio e zombaria e, por fim, condenado à execrável morte de cruz (Jo 19 13-16).

Que ninguém queira imitá-lo!

À luz do que temos visto, concluímos que o cargo de presidente, de fato, é pesado e difícil. Mas — e por isto damos graças a Deus — ele não está só: **Deus está com ele,** e lhe dá segurança, sabedoria e equilíbrio direcional.

Sendo esta a posição do presidente, com privilégios e responsabilidades esmagadoras, quando ele preside com "diligência" e "cuidado", conforme a recomendação bíblica, torna-se credor do maior respeito e da mais alta consideração.

Por esta razão, Paulo — escrevendo aos crentes de Tessalônica — faz, com muita justiça, esta carinhosa admoestação: "Agora vos rogamos, irmãos, que acateis **com apreço** os que trabalham entre vós, e os que vos **presidem no Senhor** e vos admoestam; e os tenhais com amor e em **máxima consideração,** por causa do trabalho que realizam" (I Ts 5.12-13).

Capítulo VI

O SEXO

À primeira vista, parece desnecessário abordar este assunto, aliás bastante complexo, quando tratamos da excelência do Santo Ministério.

Entretanto, em face dos últimos acontecimentos, em que igrejas e concílios passaram a ordenar mulheres para o exercício do Ministério Evangélico, em franco desrespeito a princípios bíblicos, achamos por bem encará-lo, com decisão e denodo, a fim de trazer o clarão da verdade e desfazer as brumas da dúvida, quanto ao magno problema da ordenação da mulher como pastora ou ministra do Evangelho.

O Movimento Internacional da Mulher, reivindicando direitos dos quais muitos não lhe pertencem, tem despertado em algumas mulheres evangélicas — além de muitas outras pretensões — a aspiração ao "episcopado", ou seja, ao Santo Ministério da Palavra.

De fato, o desejo dessas mulheres que — diga-se de passagem — sabem falar e gostam

de liderar, até certo ponto merece encômios, porque a Bíblia diz que o episcopado é uma **excelente obra** (Tm 3.1).

Entretanto, em que pese dizê-lo, a mulher está **preterida** de ocupar este cargo relevante — o mais alto na hierarquia eclesiástica — por uma legislação bíblica, clara e abundante.

O Ministério Evangélico, à luz da Palavra de Deus e da razão, é **exclusivo do sexo forte**, isto é, do homem.

Recorramos à Bíblia e vejamos as razões que nos levam declarar, sem recear contestação, que a mulher está **impedida** — por lei divina e pela própria condição biológica — de exercer o sagrado Ministério, ou seja, de ser Pastora.

Examinemos algumas passagens, que nos parecem claras e convincentes, a fim de remover dúvidas, tanto das mulheres pretendentes a este elevado cargo como das igrejas e concílios, que têm o dever de estudar esses processos reivindicativos e dar parecer sobre eles — aprovando as candidatas ou indeferindo as suas petições — ainda que elas sejam portadoras de vasta cultura secular ou teológica, e dotadas de virtudes e poderes carismáticos.

Prossigamos em nossa jornada, na defesa da doutrina bíblica e no combate à inovação

modernista — que está elevando a mulher à categoria de Pastora — função reservada, com exclusividade, para o homem — que é **"a imagem e glória de Deus"**, enquanto que **"a mulher é a glória do varão"** (I Co 11.7).

Examinemos as Sagradas Escrituras, e vejamos o fundamento de nossa dissertação, a fim de não incorrermos no grave erro dos saduceus (Mt 22.29).

A Mulher e o Sacerdócio Levítico:

No Velho Testamento, Deus separou a tribo de Levi para servir no Sacerdócio, na comunidade de Israel, até à Vinda de Jesus, quando a dispensação da Lei seria substituída pelo Concerto da Graça.

Daí por diante, os Sacerdotes e os sumos Sacerdotes seriam — com exclusividade absoluta — seus descendentes.

Pois bem. No Sacerdócio Levítico, nenhuma mulher foi contemplada ou convocada pelo Senhor para exercer aquele ministério sagrado, ainda que pertencesse à mesma tribo. Na longa relação da grande casta sacerdotal, não consta **nome feminino.** Portanto, nenhuma mulher serviu, no altar de Deus, como **sacerdotisa.**

Este fato não revela, com clareza, que

Deus não quer que as mulheres exerçam o seu Ministério, mesmo como sacerdotisas?

A Mulher e o Ministério Profético:

Além do Sacerdócio havia, na Antiga Aliança, o Ministério da Profecia através do qual Deus se revelava ao seu povo. Enquanto o sacerdote representava o homem perante Deus, o profeta falava ao homem e lhe comunicava todas as instruções recebidas do Senhor. Destarte, a comunicação entre o homem e Deus era completa.

E, na relação dos profetas, cujos nomes aparecem registrados na Bíblia e são considerados — profetas maiores e profetas menores — juntamente com os seus livros, que fazem parte do **cânon sagrado,** não aparece nome de mulher Nenhuma **profetisa!**

O Senhor não permitiu que a mulher galgasse aquela posição, na liderança religiosa do seu povo, com poderes absolutos, sem ter sobre si autoridade maior — no caso, o homem — a que estivesse submissa, conforme o teor geral das Escrituras (I Co 14 34)

Não é isto profundamente significativo e decisivo, quanto à integração da mulher no Ministério da Palavra?

A Mulher e o Ministério Apostólico:

De acordo com o Novo Testamento, os Ministérios do Sacerdócio e da Profecia caducaram (Hb 7.11-12, ICo 13 8) E, no seu lugar, na dispensação da Graça, foi instituído pelo Senhor Jesus o Ministério dos Apóstolos.

Conforme os Evangelhos, o Senhor escolheu e nomeou doze **homens**, e os consagrou para o exercício do **Apostolado**, com plena autoridade e poderes miraculosos. Era, sem nenhuma dúvida, um Ministério novo, diferente, conforme o espírito da Nova Aliança.

Na relação dos doze novos Ministros, **o o nome de mulher também está ausente.** Não houve ministra ou **apóstola,** naquele Ministério neotestamentário, apesar de Jesus ter libertado a mulher dos preconceitos sociais da época.

Três Ministérios — no Velho e no Novo Testamento — sem a participação da mulher, ainda que ela reunisse todas as qualidades exigidas na formação moral, na cultura e na consagração.

É evidente, pois, que Deus não quer que a mulher exerça cargos de liderança religiosa, sem ter a quem prestar obediência ou submissão. Primeiramente, a Deus, depois, ao

marido (I Co 14.34-35) e, por fim, ao Ministério da própria igreja.

A Mulher e o Ministério Evangélico:

Agora vejamos mais objetivamente as razões bíblicas que **impedem** a mulher de servir, no altar de Deus, tanto no Velho como no Novo Testamento.

Até agora, temos examinado o assunto pelo aspecto negativo, isto é, notando e anotando a ausência da mulher na relação dos Ministérios. Agora, vejamos o reverso da moeda, ou seja, os aspectos positivos.

Antes de mais nada, convém notar que há **proibição taxativa**, que não deve ser ignorada nem transgredida por quem quer que seja, como passamos a verificar

Escrevendo a Timóteo, Paulo faz uso de sua autoridade apostólica, e ordena: "A mulher aprenda em silêncio, com toda submissão. E não permito que a mulher **ensine**, nem que exerça autoridade sobre o marido; **esteja, porém, em silêncio**" (I. Tm 2.11-12)

Na Epístola aos Coríntios, certamente para combater abusos, na área feminina — como está acontecendo hoje em dia — o mesmo apóstolo também trata do assunto, e escreve: **"As mulheres estejam caladas nas igrejas; por-**

que não lhes é permitido falar; mas estejam submissas, como também ordena a lei" (I Co 14.34).

No verso seguinte do mesmo capítulo, Paulo é mais objetivo e faz esta declaração estarrecedora: "Se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos, porque é **indecente (vergonhoso,** Trad. Al. Atualizada) **que as mulheres falem na igreja".**

As afirmações de Paulo são, realmente, claras e contundentes e deixam a impressão de que ele tinha preconceitos contra a mulher. Aliás, já ouvimos várias críticas, levianas e irreverentes, neste sentido. Para estes, o apóstolo tem uma resposta esclarecedora. "Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser **mandamento do Senhor** o que vos escrevo" (I Co 14. 37).

À luz destas passagens, verificamos que houve um cuidado especial da parte do Senhor no sentido de evitar — choques e confrontos de autoridade entre o homem e a mulher, entre o marido e a esposa.

A Lei ensina que a mulher não use de **autoridade sobre o marido** e que, ao contrário, lhe seja **submissa,** ou **sujeita,** conforme outras Versões.

Em Ef 5.22, lemos o seguinte: "As mulheres sejam **submissas a seus próprios maridos,** como ao Senhor". E, no verso 24, encontramos o mesmo mandamento acrescido de aditivos, que ampliam o grau de submissão que a mulher tributa ao marido.

Assim está escrito. "Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam **em tudo submissas** a seus maridos. O texto exclui qualquer possibilidade de concessão da parte do homem para com a mulher, no sentido de maior liberdade administrativa nos destinos do lar

É preciso não esquecer, que estes preceitos discriminativos que estabelecem as distâncias ou limites de autoridade — entre o homem e a mulher procedem do Novo Testamento, quando a mulher já estava liberta dos preconceitos sociais, pela autoridade e pela graça de Jesus.

A ordem suprema, determinada no livro de Gênesis, atravessou os milênios e permaneceu incólume, apesar dos veementes movimentos combativos.

Assim está escrito· "E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; **o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará"** (Gn 3 16)

E o homem — com a aceitação da mulher que compreende e respeita o marido, ou com o inconformismo daqueles que não aceitam e protestam o domínio do sexo forte — continua exercendo a supremacia da raça, de acordo com a inexorável determinação do Criador: **Ele te governará**"!

Em face desta lei — socialmente justa e lógica — a mulher, solteira ou casada, estava privada de fazer votos ao Senhor, a menos que tivesse o consentimento do pai, em caso de mulher solteira, e do marido, quando a mulher fosse casada. Sem o consentimento — do pai ou do marido — os votos seriam desfeitos (nulos), e a mulher, por causa de sua dependência, ficava eximida de culpa, e recebia o perdão do Senhor pelo não cumprimento dos seus votos (Nm 30 3-8)

É digno de nota o fato de que até o próprio Deus — que promulgou a lei da submissão da mulher — respeita e cumpre, no exercício de suas obrigações religiosas, no sentido de resguardá-la contra qualquer parcela de injustiça.

Não é isto uma razão bastante forte para **impedir** que a mulher exerça o Ministério, ou seja Pastora? Em geral os maridos não gostam que as mulheres sejam religiosas, ou muito devotas.

A mulher, pela sua feminidade, é mais sensível e oferece menos resistência emocional. Assim, é mais insegura e mais volúvel, diante das pressões e tentações. Foi o caso de Eva, lá no Éden.

A propósito, a Bíblia deixa bem claro o envolvimento e a fraqueza da mulher, na tentação da serpente maligna, quando nossos pais caíram em deplorável transgressão, em franca desobediência à Palavra do Senhor, conforme se vê nesta passagem bíblica: "E Adão não foi iludido, mas a mulher, **sendo enganada**, caiu em transgressão" (I Tm 2 14).

Virgílio — o famoso poeta latino —, citando palavras atribuídas ao deus-pagão, Mercúrio, em referência à fraqueza e à **volubilidade** da mulher, disse o seguinte — "VARIU ET MUTABILE FOEMINA" (A mulher é sempre **variável e mutável**).

Em face disto, e por muitas outras razões, a mulher não serve para ser pastora ou ministra do Evangelho.

O homem, ao contrário, tem estabilidade emocional e, por isto, tem condições de oferecer resistência às pressões externas, às tentações, e pode defender — com firmeza e bravura — os princípios da fé cristã e as doutrinas sa-

gradas, cujo fundamento é a Bíblia, o santo livro de Deus.

O apóstolo Pedro, no tocante à mulher, declara que ela é **"o vaso mais fraco"**, ou **a "parte mais frágil"**, segundo outra Versão (I Pe 3 7)

Como se pode notar, com abundantes provas bíblicas, o Ministério Evangélico não pode firmar-se na **parte mais frágil** da raça humana. Mesmo, porque não foi do agrado de Deus que isto acontecesse.

Quando o Senhor Jesus advertiu os discípulos, em mensagem profética, quanto à **vulnerabilidade** da Igreja, no tocante à penetração da heresia e aos desvios da doutrina, valeu-se de uma mulher que introduziu fermento **"em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado"** (Mt 13 33)

Fermento, na Bíblia, é símbolo de pecado. E a mulher foi escolhida, na parábola de Jesus, para representar o instrumento de penetração de pecado na Igreja. Certamente, por ser — "a parte mais frágil", no dizer de Pedro.

Um exemplo clássico de fracasso, na liderança feminina sem a supervisão do homem, encontramos na igreja de Tiatira.

Jezabel — mulher que se fez **profetisa, mestra, e líder** da igreja — cometeu desmandos irreparáveis, naquela comunidade cristã. Sob sua liderança e influência marcante, os crentes foram induzidos a desvios morais e espirituais abomináveis. Por causa disto, o Senhor Jesus lhe fez ameaças de tribulação e de morte, caso não se arrependesse dos seus desvios pecaminosos, juntamente com os seus seguidores (Ap 2 20-22)

Certa vez, Miriã, irmã de Moisés, líder a toda a prova (Ex 15 20-21), levantou-se contra Moisés, e quis ocupar o seu lugar — na liderança suprema do povo de Israel — e foi seriamente advertida por Deus, e castigada com a praga da lepra (Nm 12 9-10).

Arão, seu irmão, cometeu a mesma infração e, simplesmente, foi advertido.

Não se trata de — "dois pesos e duas medidas" — ou de injustiça da parte do Senhor É que Arão, na qualidade de homem, tinha condições de exercer aquela liderança, caso fosse necessário. Entretanto, Miriã, na condição de mulher, estava **preterida** de ocupar aquele Ministério, conforme ordenava a Lei (I Co 14 34) e, por isto, foi disciplinada.

Tanto é assim, que a Bíblia ensina que o homem é **"o cabeça da mulher**, como também Cristo é o cabeça da igreja" (Ef 5 25).

Logo, o Ministério Evangélico, que tem a

liderança da igreja, e que é o sustentáculo das doutrinas bíblicas e dos postulados da Teologia, tem de estar nas mãos de homens vocacionados por Deus e, jamais, em frágeis mãos femininas!

Assim ordenou o Senhor, como temos visto até aqui!

Mas, além dos argumentos expostos, queremos aduzir mais um — de origem **biológica** — que, dada a sua gravidade, não deve ser olvidado.

Quando, na Carta a Timóteo, Paulo nega à mulher o direito de **ensinar** (certamente, com a autoridade absoluta de **ministra**), lembra a sua legítima vocação que é — a "missão de mãe" — que, no dizer do apóstolo, deve ser "**preservada**", certamente, com muito zelo.

Segundo nos parece, só o fato de a mulher ser o instrumento da procriação — na condição de mãe — é o bastante para impedí-la de exercer o ministério ou o pastorado de uma igreja. Sempre devemos lembrar que esta condição lhe foi imposta pelo Senhor, logo após a sua criação.

No período da gravidez, logo no início, a mulher tem aquelas crises de enjôo, assaz incômodas, que a privam de muitas de suas atividades. Depois, vem o parto e, em seguida, o

tempo de recuperação e os cuidados especiais com o bebê. Então, perguntamos:

Que resta para os atos ministeriais da mãe pastora? Deixamos a resposta com o leitor.

No Velho Testamento, Deus fez legislação específica sobre este assunto, conforme o registro que passamos a ver: "Disse mais o Senhor a Moisés. Fala aos filhos de Israel. Se uma mulher conceber e tiver um menino, será imunda sete dias; como nos dias da sua menstruação será imunda. E no oitavo dia se circuncidará ao menino a carne do seu prepúcio. Depois ficará ela trinta e três dias a purificar-se do seu sangue; **nenhuma coisa santa tocará, nem entrará no santuário** até que se cumpram os dias da sua purificação. Mas, se tiver uma menina, será imunda duas semanas, como na sua menstruação; depois ficará **sessenta e seis dias** a purificar-se do seu sangue. E cumpridos os dias da sua purificação por filho ou filha, trará ao sacerdote um cordeiro de um ano por holocausto, e um pombinho ou uma rôla por oferta pelo pecado à porta da tenda da congregação; o sacerdote o oferecerá perante o Senhor, e pela mulher fará expiação; e ela será purificada do fluxo do seu sangue: **Esta é a lei da que der à luz menino ou menina**" (Lv 12.1-7).

Nem Maria, a mãe de Jesus — com reve-

rência o dizemos — escapou à implacável lei das purificações e, num gesto de obediência à lei de Moisés determinada por Deus, cumpriu os seus votos **"conforme o que está escrito na lei do Senhor"** (Lc 2 22-24)

Além do mais quando a mulher se sente **"incomodada"**, durante o ciclo mensal — tributo irreversível que ela paga à natureza — fica privada de certas atividades por causa de crises dolorosas que, às vezes, ocorrem ou de abatimento físico decorrente de excesso do fluxo menstrual.

Perguntamos. Não seria isto um impedimento a mais, no serviço pastoral da mulher?

O Pastor evangélico tem serviço durante 24 horas por dia. No horário normal ele dá expediente e presta serviço ao rebanho, à causa em geral. E nas horas vagas, ele — **ainda que dormindo** — permanece de plantão, no aguardo de chamadas para dar assistência pastoral a doentes, ou casos extra-normais de extrema urgência.

Como se percebe, a mulher pelas razões expostas, não oferece condições para este atendimento permanente, ou melhor falando, para este ministério que exige tanto, ou "tudo" daquele que o exerce!

Em face do que temos pesquisado até aqui,

em referência às restrições bíblicas quanto à nobre missão de mãe, bem como em relação às limitações físicas da própria gestante — sem levar em conta os argumentos lógicos e bíblicos, anteriormente apresentados — perguntamos·

Pode a mulher ser **ministra,** e exercer o pastorado de uma igreja, diante de tantas evidências ao contrário?

A menos que ela faça **voto de castidade**, à semelhança das freiras católicas, no ato de sua ordenação. A Bíblia, no entanto, condena esta prática, quando recomenda: "Convém que o bispo **seja casado**, marido de uma só mulher (no caso, **mulher de um só marido**), e que tenha seus filhos em sujeição, com toda modéstia" (I Tm 2.2)

Se Deus permitisse que a mulher viesse a exercer o Santo Ministério, no mesmo pé de igualdade com o homem, Maria — a mãe de Jesus — certamente teria sido eleita Pastora, ou indicada pelo próprio Filho, para dar continuidade ao Seu Ministério, aqui na terra.

Mulher privilegiada sob todos os aspectos — **"agraciada"** por Deus, **"bem-aventurada"** entre todas as gerações (Lc 1.28,48), adornada de virtudes desde a sua infância, jovem crente, fiel e piedosa, conforme registram os Evangelhos — carregava consigo uma baga-

gem de credenciais como nenhuma outra mulher na face da terra.

Além da graça de que fora protegida pela misericórdia do Senhor, era portadora de uma formação teológica admirável, pela sua convivência com Jesus, ouvindo suas pregações eletrisantes, cheias de graça e de poder — que eram verdadeiros **postulados de teologia** — durante os três anos do seu glorioso Ministério.

Além disto, ela era tetesmunha ocular de sua vida religiosa — verdadeiro exemplo de piedade e santidade — no decorrer dos 30 longos anos no amável e conchegativo convívio familiar, na pacata e desprezada cidade Nazaré.

Sem nenhuma dúvida, a formação teológica de Maria era superior a quaquer curso de seminário ou faculdade teológica dos tempos modernos.

Pois bem: Se fosse da vontade do Senhor que a mulher ocupasse lugar na galeria dos Ministros do Evangelho, Maria teria galgado esta posição, pois ela preenchia todas as exigências espirituais e culturais da época.

Veja-se, por exemplo, com que facilidade brotaram de seus lábios as fascinantes palavras do seu cântico — **A Magnífica** — num preito de gratidão a Deus, pela comunicação do anjo

Gabriel de que seria a bem-aventurada Mãe do Salvador!

Maria, sem nenhuma dúvida, reunia todas as condições para ser **pastora**, entre os pastores mais ilustres do Novo Testamento.

Entretanto, Deus não lhe permitiu que alcançasse **"sorte"** neste Santo Ministério e, por isto, não lhe concedeu a graça desta vocação.

Quando o Senhor Jesus iniciou o seu Ministério, com a operação do primeiro milagre em Caná da Galiléia, Maria tentou **interferir** e foi severamente advertida por Jesus, quando lhe disse frontalmente: **"Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora"** (Jo 2.3-4)

Maria, com humildade, aceitou a censura, não reclamou nem discutiu com o seu dileto Filho. Ao contrário, retomando a posição de mãe submissa, disse aos serventes: **"Fazei tudo o que Ele vos disser"** (Jo 2 5)

A linha divisória — entre as relações de de Mãe e o Ministério do Seu Filho Jesus Cristo — estava traçada em caráter definitivo. E, daí por diante, nunca mais houve tentativa de interferência de qualquer espécie!

Esta evidência bíblica, ao lado de tudo aquilo que temos dito até aqui, comprova ca-

balmente o fato de que à mulher não é permitido ocupar o posto de comando ministerial, na hierarquia da Igreja!

As mulheres cristãs, "que **fazem profissão de servir a Deus**", no dizer de Paulo, podem prestar relevantes serviços, em certas áreas da igreja, porém sempre sob o comando do homem, que é "o cabeça", o líder, o orientador!

Portanto, quando a mulher está desejando "**o episcopado**", está pretendendo algo que lhe é **vedado.** E quando a igreja, através de concílios, resolve deferir pedidos desta natureza — e ordena mulheres — está cometendo tripúdio sobre a Palavra de Deus, e afrontando a Classe Ministerial, de exclusividade varonil, segundo as determinações do Senhor!

CONCLUSÃO

Ao final desta exaustiva jornada, dou graças a Deus porque me deu força e capacidade para escrever esta singela obra.

Fí-la com a melhor das intenções, com respeito à verdade, e zelo pela "sã doutrina".

O meu desejo está cumprido, e me sinto plenamente satisfeito e grato ao Senhor da grande Seara, a qual — "**já está branca para a ceifa**".

Não temos a pretensão de haver escrito uma obra perfeita e completa. O assunto não está esgotado. Há muito mais para dizer e para escrever

Esta é, simplesmente, uma síntese dos aspectos mais importantes desta santa carreira.

Os leitores interessados farão a sua complementação, pesquisando e cotejando, à luz da Bíblia, os temas aqui dissecados.

Faço votos que as falhas deste livro sejam supridas pela consagração e pelo **porte** dos pastores mais competentes e mais experimentados, a ponto de servirem de exemplos, à semelhança do apóstolo Paulo, para os semina-

ristas e ministros mais novos e de menor vivência pastoral, a fim de que possam imitá-los, seguindo as suas pegadas!

E ao Senhor Jesus, "**Sumo Pastor e Bispo das nossas almas**", toda glória e honra e louvor, para todo sempre. Amém.

FIRMAS DISTRIBUIDORAS:

MILENIUM

Av Onze de Junho, 80
Vila Clementino
04041 — São Paulo — SP

CASA EDITORA PRESBITERIANA

Rua Comendador Norberto Jorge, 40
Brooklin
05602 — São Paulo — SP

Endereço do autor:

Caixa postal, 332
11.100 — SANTOS — SP.